



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

FILOSOFIA - LICENCIATURA

“RITMO & PHILOSOPHIA”

POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO RAP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Wellington Douglas Ferreira

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

FILOSOFIA - LICENCIATURA

“RITMO & PHILOSOPHIA”

POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO RAP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Wellington Douglas Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP), como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Franzi
Co-orientadora: Profa. Dra. Idete Teles dos Santos

Foz do Iguaçu
2022

“RITMO & PHILOSOPHIA”

POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO RAP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Wellington Douglas Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP), como requisito à
obtenção do título de Licenciatura em Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Franzini

Co-orientadora: Profa. Dra. Idete Teles dos Santos

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Titulação) (Nome do orientador)
UNILA

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a minha família e a todas as mães que fizeram ou fazem parte do movimento Hip-Hop e que tiveram paciência com seus filhos DJs, MCs, B.boys / B.girls e Grafiteiros/as. E também a meus amigos/as e professore/as sem vocês eu não chegaria nem na metade, Gratidão! Parceiros do movimento Hip-Hop, *Neva Faded!*

AGRADECIMENTOS

Sou Grato a Isis, Osiris, Horus! Ao “Uni-Verso por consPIRAR” por ingressar na Cultura/Movimento Hip-Hop e no curso de Filosofia, paixões de minha vida. Gratidão a família: Mãe Dê; Pai Izildo; irmã Michele e irmão Ugo, tia Delma e tio Dionny, tia Délia, primos/as, sobrinhos/as, vô Olívio e irmã Emanuely e Nega Rê por acreditar em mim quando ninguém acreditava. Minhas queridas orientadoras Juliana Franzi e Idete Teles pelo apoio, paciência e orientações, a Júlia B. A. As famílias: *Paes: Thiago, Mileide e Flor de Sophia e Sversutti: William, Kátia, Ravi, Johann*, aos graciosos Miguel e Ingrid, meu parceiro Rafa Matos (por todas as conversas de todos assuntos), Rafa Cury, DJ Gui Jay, DJ Sthé, Jhey Slam Foz, DJ Manu Zeu, MC Manu Magrinho, Almandad, Tg Mc, Jhony LeMagest. Todxs Mestres e também colegas de filosofia: Alysson (pelas aulas de escrita filosófica e apoio como amigo), Robert, Anderson, Hander, Lucas Machado, Luquinhas, Rodrigo Rasta, Lucas, UParallello, Kaique, Salomé Lunar, colegas Gaby, Hellen e Taty ao convidar para o *Rap Filosófico* pra semana acadêmica ponta pé inicial desta pesquisa. *Amigos de alma Doug Remonatto e Ana P. Carvalho pelo incentivo, MISV (AR), Base Um Foz, Onda Guazú (Leo Braga, Gui Arruda, Rodrigo) Gá Lobo, Ariana, Pachuca Sonora*. A todos meus professores/as desde a 1ª série até a faculdade, guardo-os no coração e na mente com carinho e respeito. Aos parceiros dentro do movimento Hip-Hop, movimento Punk (Banda Proletas) e cultura *sk8board MGA, (Niggaz and Rail Crew)*. Minha família MCs *Kryptah: Realidade Nacional, Filhos da Noite, Alvo Mental, Vyoladores da Mente, Inteligência Verbal, Cenabytaz: Dr. Zoid, Hytkok, Lex Luto, Big Filho, DX, Eluz, Insanatorium, Labirinto dos Versos Cantantes, RDM MCs, MC Marshmellow, Obzkuroh e Caê, Indexsonora, MC Carlão de Sarandi, MC Careca, Maracatrutas, DJ Kabessa, DJ D.Vyzor, DJ Plasmoid, DJ Docão, DJ Potato-E, DJ Havek, DJ Zap, DJ Manabú, DJ Fabrício (Londrina), Valtão, B-boy Fernando e B-Girl Aline da Street Breakers, Nuguete, Marcelo Street, parceiro no grafite Marcos “Sono”, MP grafite, parceiros de *breaking* Black Boys, Ag. Social Day Goes, Alax, Bartô, Bula Jr. Paz Profunda fraters Reges Coty; Idú Carvalho; Hugo “Veiga”, “mãe” Maria (Lavanderia Mariah) pelo apoio. Amigos Rodrigo Rorato e Erick (Físico). Todos do *Hip-Hop MGA; Bacurau, Suzy Oliveira, Erica Slam Mga, King MC, DJ Camis, MC Lubis, Pig Emcee, Celso Forasteiro e Thawan MC, Black Stage, Ark, MC Doido, GHC, Cifra Sol e a Batalha da V.O., DJ Amauri Jr, DJ Manu Japa, DJ Don Nattus, DJ Estevão, DJ Edi Groove, DJ Ruba, DJ Bela, DJ Tiago Porto, Gaba, DJ Coala, Mov. Sk8board MGA; J.P. e Cauê (Simplesmente), ASKM, Quântica, Retta, Hurricane*. Por cursar na incrível universidade UNILA, amigos da UEM e UEL. Aos bons corações de Foz do Iguaçu não conseguiria sem vocês*

Epigrafe:

*...Racionais declaram guerra.
Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.
E os manos que nos ouvem irão entender.
Que a informação é uma grande arma.
Mais poderosa que qualquer PT carregada.
Roupas caras de etiqueta, não valem nada
se comparada a uma mente articulada
contra os racistas otários é química perfeita...
RACIONAIS MCS (1992)*

RESUMO

O presente trabalho tratará sobre a pedagogia aliada a cultura/movimento Hip-Hop no combate à evasão estudantil na educação pública no Brasil. Tal pesquisa conta com a contribuição da experiência de um acadêmico em licenciatura e pesquisador atuante dentro da cultura/movimento Hip-Hop desde longa data. Serão apresentados os desafios e as problemáticas no que tange à docência compartilhada com arte-educadores do movimento Hip-Hop, salientando a ação coletiva escolar de educadores, educandos e arte-educadores, junto a políticas de formação continuada com apoio do Estado. A Pedagogia Hip-Hop valoriza intelectuais orgânicos, como os arte-educadores de projetos sociais e oficinas ligadas ao cultura/movimento Hip-Hop. É uma proposta crítica e estética que visa a autonomia intelectual dos alunos de grupos vulneráveis, bem como o “resgate” de estudantes que se encontrem desinteressados de seu próprio processo de letramento. Demonstra como a lei 11.645/08 se torna muito importante para que tal proposta possa alcançar estudantes afro brasileiros, pardos, indígenas tidos como invisíveis para o currículo. A investigação foi realizada por meio de pesquisas e estudos bibliográficos dentre outras mídias, tendo como referências centrais as teorias dos autores como Marc Lamont Hill e Mônica do Amaral dentre outros. São apresentados desafios e pontos fortes de algumas pesquisas de educadores que atuam neste campo educativo. Busca suscitar novas discussões sobre didática e metodologia de ensino para jovens que encontram dificuldades no processo de aprendizagem. Quebra tabus elucidando a contracultura do Hip-Hop, muitas vezes rechaçada pelo tradicionalismo de algumas pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo pretende abrir caminho e colocar em evidência tais discussões nos centros acadêmicos e escolas públicas sobre a viabilização de formalizar propostas alternativas pedagógicas diante do processo de evasão estudantil. Almejando otimizar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem para a educação pública e inclusiva. Por fim, este trabalho apresenta algumas dificuldades/potencialidades encontradas para que futuras pesquisas nesta área sejam otimizadas.

Palavras-chave: Pedagogia Hip-Hop; Currículo Escolar; Tecnologias da Informação e da Comunicação; Arte-Educadores; Inclusão Social

RESUMEN

El presente trabajo tratará de la pedagogía aliada a la cultura/movimiento Hip-Hop en la lucha contra la deserción estudiantil en la educación pública en Brasil. Dicha investigación cuenta con el aporte de la experiencia de un académico en licenciatura e investigador que ha estado activo dentro de la cultura/movimiento Hip-Hop durante mucho tiempo. Se presentarán los desafíos y problemas de la enseñanza compartida con los arte-educadores del movimiento Hip-Hop, destacando la acción escolar colectiva de educadores, estudiantes y arte-educadores, junto con las políticas de educación permanente apoyadas por el Estado. La Pedagogía Hip-Hop valora intelectuales orgánicos, como educadores de arte de proyectos sociales y talleres vinculados a la cultura/movimiento Hip-Hop. Es una propuesta crítica y estética que apunta a la autonomía intelectual de estudiantes de grupos vulnerables, así como al “rescate” de estudiantes desinteresados en su propio proceso alfabetizador. Demuestra cómo la ley 11.645/08 se vuelve muy importante para que tal propuesta pueda llegar a los estudiantes afrobrasileños, pardos e indígenas considerados invisibles para el currículo. La investigación se llevó a cabo a través de investigaciones y estudios bibliográficos, entre otros medios, teniendo como referencias centrales las teorías de autores como Marc Lamont Hill y Mônica do Amaral, entre otros. Se presentan los desafíos y fortalezas de algunas investigaciones realizadas por educadores que trabajan en este campo educativo. Busca suscitar nuevas discusiones sobre didáctica y metodología de enseñanza para jóvenes que presentan dificultades en el proceso de aprendizaje. Rompe tabúes al dilucidar la contracultura Hip-Hop, muchas veces rechazada por el tradicionalismo de algunas personas involucradas en el proceso de enseñanza-aprendizaje. De esta forma, pretende abrir camino y realzar tales discusiones en centros académicos y escuelas públicas sobre la viabilidad de formalizar propuestas pedagógicas alternativas frente al proceso de deserción estudiantil. Con el objetivo de optimizar la calidad del proceso de enseñanza-aprendizaje para la educación pública e inclusiva. Finalmente, este trabajo presenta algunas dificultades/potencialidades encontradas para optimizar futuras investigaciones en esta área.

Palabras clave: Pedagogía del Hip-Hop; Currículo Escolar; Tecnologías de la Información y la Comunicación; Educadores de Arte; Inclusión Social.

ABSTRACT

The present work will deal with the pedagogy allied to the Hip-Hop culture/movement in the fight against student dropout in public education in Brazil. Such research has the contribution of the experience of an academic in licentiate and a researcher who has been active within the Hip-Hop culture/movement for a long time. Challenges and problems regarding shared teaching with art-educators of the Hip-Hop movement will be presented, highlighting the collective school action of educators, students and art-educators, along with continuing education policies supported by the State. Hip-Hop Pedagogy values organic intellectuals, such as art educators of social projects and workshops linked to the Hip-Hop culture/movement. It is a critical and aesthetic proposal that aims at the intellectual autonomy of students from vulnerable groups, as well as the “rescue” of students who are disinterested in their own literacy process. It demonstrates how the law 11.645/08 becomes very important so that such a proposal can reach Afro-Brazilian, brown and indigenous students considered invisible to the curriculum. The investigation was carried out through research and bibliographic studies among other media, having as central references the theories of authors such as Marc Lamont Hill and Mônica do Amaral, among others. Challenges and strengths of some research by educators working in this educational field are presented. It seeks to raise new discussions about didactics and teaching methodology for young people who find difficulties in the learning process. It breaks taboos by elucidating the Hip-Hop counterculture, often rejected by the traditionalism of some people involved in the teaching-learning process. In this way, it intends to open the way and highlight such discussions in academic centers and public schools on the feasibility of formalizing alternative pedagogical proposals in the face of the student dropout process. Aiming to optimize the quality of the teaching-learning process for public and inclusive education. Finally, this work presents some difficulties/potentialities found so that future research in this area can be optimize

Key words: Hip-Hop Pedagogy; School curriculum; Information and Communication Technologies; Art Educators; Social inclusion.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RAP	<i>Rhythm And Poetry</i> (Ritmo e Poesia)
DJ	Disc-Jóquei, Discotecário
MC	<i>Master of Ceremony</i> , (Mestre de Cerimonia)
EBBH	<i>Education Based in Hip-Hop</i> (Educação Baseada no Hip-Hop)
T.I.C.	Tecnologias da Informação e da Comunicação
EUA	Estados Unidos da América
LGBTQIA+	Lésbica Gay Bissexual Transgênero Queer Assexual +
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1 “INTRO: Papo Reto que não Faz Curva”	13
2 DESENVOLVIMENTO	19
2.1. Histórico do Início da Cultura Hip-Hop nos EUA.....	19
2.1.1 Os Quatro Elementos da Cultura Hip-Hop	22
2.1.1.1 Potencialidades e Desafios da Pedagogia Hip-Hop/EBHH como Ferramenta Pedagógica.....	26
2.1.1.1.1 Plano de Aula de “Pedagogia com Rap”	55
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	73

1 “INTRO: Papo Reto que não faz Curva”

O Movimento Cultural e de resistência chamado de Hip-Hop teve seu advento no sul do Bronx, em Nova York na década de 70 em meio ao caos urbano e descaso dos governantes, especialmente com os imigrantes e refugiados de várias etnias que foram “sobreviver” naquele local e foram “resgatados” pela cultura Hip-Hop. A inspiração para confeccionar este trabalho advém da minha própria vivência no tocante ao movimento Hip-Hop e de algumas experiências na graduação em Filosofia Licenciatura. Assim como muitas pessoas também fui resgatado por este movimento cultural artístico. Por isso, tenho um compromisso para com ele, já que estou engajado como educador e agente desta cultura artística. O Movimento Hip-Hop resgatou aquelas pessoas em Nova York, elas que estavam padecendo através do processo de sucateamento dos serviços públicos, na qual provocou naquele lugar conflitos internos, situação de vulnerabilidade extrema à miséria total, e mesmo assim, esta cultura floresceu, empreendendo um resgate através da catársis artística.

Minha trajetória com o movimento iniciou em 1996, como DJ (DJ Equilibrium) e em 1997 tornei-me MC (Spektroh Cenobitah) comumente chamado de *rapper* (cantor de *rap*). “*Caiu como uma luva*” a atividade de *rapper* encaixando-se aos meus anseios de lutar por aqueles que sofrem com algum tipo de injustiça. O *rap* foi um encontro mágico por dois motivos, primeiro o amor natural pelas artes musicais/sonoras e segundo pela ferramenta social e de denúncia contra as mazelas sofridas pelos menos privilegiados por conta dos sistemas oligárquicos e governamentais. A partir daí fui atrás de saber das ligações entre o cantor de *rap* e o DJ. Cheguei a praticar os outros elementos do Hip-Hop, mas, meu foco e dedicação maior ficou em pesquisar, treinar e me tornar um bom DJ e MC comprometido com a cultura Hip-Hop. Desde então dediquei o resto de minha vida a estas atividades de pesquisa e performance artísticas até os dias de hoje. Entretanto, minha postura mudou muito conforme fui descobrindo, que além de elementos estéticos poderosamente impactantes, esta cultura fazia parte de um movimento social de resistência e lutas por direitos humanos dos menos privilegiados e injustiçados.

Meu espírito combativo e amor pelas artes sonoras, corporais e plásticas levaram-me direto para dentro do movimento cultural Hip-Hop. Isso aconteceu devido ao contato e influência que tive do movimento *punk* e o *skate* da minha cidade. Assim como acontece no Hip-Hop, são igualmente movimentos insurgentes, ambos caminhavam lado a lado com o movimento Hip-Hop. Ainda não havia movimento Hip-Hop organizado em minha cidade, no início apenas ouvíamos, cantávamos e dançávamos as músicas *rap* para depois discutir os temas das letras, o gancho para ir para o

movimento foi estético/sensorial advindo da musicalidade Rap.

Para a presente pesquisa escolhi a *Pedagogia Hip-Hop* ou *Educação Baseada no Hip-Hop (EBHH)* de Marc Lamont Hill e outros autores que vieram depois, como tema central de meu trabalho de conclusão de curso na Graduação de Filosofia em Licenciatura Plena. Por perceber que na qualidade de educador progressista e junto com meu histórico de aprendizado/formação como arte-educador no movimento Hip-Hop, poderia duplamente contribuir para a formação de estudantes que se encontram desmotivados no processo de ensino-aprendizado, mas com inclinações estéticas/artísticas. Identifiquei nesta proposta pedagógica que incorpora a cultura Hip-Hop, a possibilidade de fazer a algo significativo acerca de injustiças sociais na área educacional, como por exemplo, a precarização e sucateamento da educação brasileira pública. Observei a possibilidade de fazer isso, incorporando ao processo de ensino aprendizagem, as mesmas ferramentas estéticas/políticas que tive contato através da experiência de atuação dentro do movimento Hip-Hop, mesclado com uma pedagogia inclusiva e crítica que é Pedagogia Hip-Hop.

Conforme meu processo de graduação avançava sobretudo nas disciplinas de licenciatura, percebi que muitos estudantes dos ensinos de base passaram e ainda passam, por um intrincado processo de aprendizagem. Com esta pesquisa entendi que a cultura Hip-Hop aliada ao processo de ensino aprendizagem poderia produzir motivação/significado para aplicação de uma educação inclusiva. Paralelamente a minha educação básica foi mais através das letras de *rap*, que aprendi sobre poesia, filosofia, literatura, sociologia, antropologia, política, historiografia, psicologia, empoderamento, artes e até mesmo geografia. Deste modo a *literatura Hip-Hop* ou as letras de *rap* foram se tornando para mim meus livros e os *rappers* meus professores, parecia mais fácil aprender assim.

Foi ouvindo e refletindo com a música *rap*, que percebi que tinha habilidades artísticas bem como de leitura/escrita. Através do *rap* obtive além de conhecimentos em distintas áreas do saber humano, motivação para ser “eu mesmo”, bem como senso de identidade e autoestima para estudar e pesquisar como autodidata. Tinha um verso de uma música do grupo Racionais MCs intitulada “Negro Limitado” de um disco em formato EP “Escolha seu Caminho” de 1992, que ficava ecoando na minha mente que dizia assim:

(...) Racionais declaram guerra. Contra aqueles que querem ver os pretos na merda. E os manos que nos ouvem irão entender. Que a informação é uma grande arma. Mais poderosa que qualquer PT carregada. Roupas caras de etiqueta, não valem nada se comparada a uma mente articulada contra os racistas otários é química perfeita (...) (RACIONAIS MCS, 1992)

Até os dias de hoje este verso retorna as minhas mais profundas reflexões e sentimentos evidenciando o caráter reflexivo e atemporal da poesia verbalizada do *rap*. Naquela época da escola básica, os cantores de *rap* eram meus educadores e meus filósofos, se tornando referências. No decorrer de minha graduação nas disciplinas de licenciatura, entendi que realizar um processo inclusivo/efetivo de ensino aprendizagem e engajamento do estudante jovem não é um processo simples. Nesta investigação descobri alguns autores de diferentes áreas de licenciaturas, versados na área da EBHH (Educação Baseada no Hip-Hop). Autores como o professor Dr. Marc Lamont Hill nos EUA das áreas de literatura em língua inglesa e antropologia e a mestra em educação, arte educadora e *B.Girl* (dançarina de break) Cristiane Correia Dias aqui no Brasil. Isto, para citar apenas dois autores da área, mas, existem muitos outros que puderam me servir de base para realizar esta pesquisa sobre o poder estético/didático, crítico, emancipador e inclusivo da chamada por HILL (2009) de *Pedagogia Hip-Hop e/ou EBHH*, que é o núcleo teórico do presente trabalho.

Descobri que a harmonia/melodia das instrumentais de *rap* junto a arte audiovisual dos videoclipes aguçam os nossos sentidos, e unidas a parte discursiva das ideias contidas nas letras facilitam o processo de concentração e acepção de ideias, na hora de aprender, especialmente aos jovens. A *pedagogia com rap*¹ aliada as chamadas TICs² tem um efeito fenomenológico poderoso na hora de transmitir e receber informações via oralidade/videoclipes ou até mesmo com trechos das letras de projetados em slides. A oralidade é um recurso que era altamente valorizado sobretudo no mundo antigo e sofisticado da antiga Grécia, curiosamente nos dias de hoje não é bem assim, nesta direção Ana Karine Dias Caires Brandão e Eurivalda Ribeiro dos Santos Santana (2016, p.1-2) vão dizer que:

[...] a revolução industrial que também influenciou na desvalorização da oralidade no processo educativo. As escolas para atender ao mercado consumidor estabeleceram padrões e técnicas para atender uma formação maior de indivíduos, impondo conhecimentos técnicos e mecanizados em oposição a construção por meio de debates e reflexões. (ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, ca. 2016, grifo nosso)

Durante meu processo de graduação, tive duas experiências que me levaram a cogitar a possibilidade da aplicação pedagógica do Rap em sala de aula. Uma destas experiências se deu no projeto de extensão: “Pequenos filósofos em torno do relógio do Sol”, onde tínhamos que dar uma aula sobre um filósofo pré-socrático para crianças de 7 até 11 anos. O filósofo dá vez para esta aula

¹ Decidi usar o termo “pedagogia com rap” num esquema onde a Pedagogia Hip-Hop/EBHH poderia ser aplicada utilizando as músicas de rap seja no formato musical, textual ou até audiovisual para promover material didático e metodologias que contemplem o cotidiano dos jovens brasileiros/as que estão nas fileiras do ensino médio no Brasil.

² As chamadas de TIC’s pelos educadores, são as Tecnologias da Informação e Comunicação que são elementos de apoio para as aulas que apresentam inúmeros recursos pedagógicos/tecnológicos informativos que proporcionam múltiplas perspectivas aos estudantes objetivando otimizar o processo de assimilação dos conhecimentos tratados.

foi Pitágoras, após o término da aula teórica, um aluno soube que eu cantava Rap e pediu para mim rimar sobre a aula, perguntei a professora se era cabível ela respondeu que as crianças adoravam o Rap (o projeto é numa escola de periferia). Coloquei uma instrumental e realizei o improviso sobre o tema da aula e as crianças gostaram muito, aumentando substancialmente sua motivação e participação no restante da aula, com isso a professora deles me pediu para ficar depois do intervalo, pois as crianças foram pedir para ela para continuar a aula (a aula era para ser somente até o intervalo). A professora fez um convite para voltarmos na escola para conversar sobre um projeto com o Rap, pois, disse que é muito raro esta participação ativa deles, que o uso do Rap foi muito produtivo pedagogicamente.

Outra experiência que tive na graduação foi na regência de Estágio I para Ensino Médio, onde o tema para aula era sobre a “Indústria Cultural e a Escola de Frankfurt”, preparei a aula com uma introdução apresentando um Rap cujo a letra fosse possível fazer uma “ponte” para o tema. No caso a música escolhida foi “Sem Essas, Nunca Nessas”³ do grupo SNJ (Somos Nós a Justiça) que faz pertinentes críticas a *indústria midiática manipuladora* no Brasil. Os alunos estavam dispersos e com sono, pois, a aula era no período da manhã, após a introdução da música logo eles “despertaram” e até foram sentar nas carteiras da frente, alguns inclusive pegaram a caneta e caderno e começaram a tomar nota e fazer perguntas. A professora avaliadora da regência disse resultado foi visivelmente positivo, capturando a atenção produzindo motivação e interesse dos estudantes. Quando retornei ao *Colégio Estadual Paulo Freire*, onde foi meu Estágio I, me deparei com alguns estudantes que estavam na aula, me interpelaram pedindo para voltar e dar mais aulas com o *Rap*.

Portanto, decidi realizar esta pesquisa a fim de contribuir simultaneamente tanto para as áreas pedagógicas quanto para a cultura pedagógica inerente ao movimento Hip-Hop, buscando demonstrar possíveis intersecções entre ambas. Apresentando a possibilidade de aplicar outras epistemologias no processo de ensino/aprendizagem, que alcance os alunos “esquecidos” nos seus diferentes *ritmos de aprendizado*, visando uma educação inclusiva, emancipadora para autonomia. Proporcionando aos estudantes uma experiência estética/didática motivadora e eficiente no letramento escolar. Diante disso, segundo Charlie D. Hankin (2017):

Poderia destacar-se mais, porém, a índole didática dessa cultura em si. *Os quatro elementos de hip-hop – o break, o grafite, o DJ e o rap – constituem uma pedagogia alternativa, voltada sempre à comunidade, que lida com experiências vividas para estimular o pensamento do leitor-ouvinte e lhe oferecer meios para sair do ciclo da violência e marginalização.* (Hankin, 2017, p.133, grifo nosso)

³ Confira a música na íntegra disponível no canal SNJ OFICIAL: <https://www.youtube.com/watch?v=kqmxZ2YPL2w> Acesso em 18 de agosto de 2022.

Ainda segundo Hankin (2017): “Embora o MC seja educador e as massas educandos, a sua relação é sempre dialógica e horizontal. O aprendizado de cada pessoa e as experiências que ela tem vivenciado podem servir para os outros aprenderem”. Remetendo deste modo a *EBHH* a filosofia pedagógica dialógica de *Paulo Freire*. A musicalidade e a literatura contidos no Rap empodera e emancipa aqueles que a sentem/entendem, ela tem a potencialidade de capacitar o oprimido com conhecimentos que o retiram da condição da ignorância socio política o transformando em *intelectual orgânico* com certa autonomia, capaz de julgar o mundo que o cerca, fazendo dele um potencial “educador” público podendo “despertar” outros do *sono da escravidão moderna* promovida pelos opressores, principalmente dentro dos setores de poder dentro da sociedade do capitalismo ultra materialista.

Assim, a Pedagogia Hip-Hop seria uma relevante resposta alternativa, para o processo intencional do sucateamento de longa data, recorrente na educação pública brasileira e, que tem como real intenção manter o oprimido em sua condição de oprimido e ignorante sobre seus direitos e sua história e, o opressor na sua posição privilegiada de opressor e dono do poder, nesta “dialética” perversa de dominação epistemológica, que configura ao meu ver talvez a pior e mais poderosa forma de escravidão, a escravidão mental. Pois, “o pior não é não saber, o pior mesmo é não saber que não sabe, pois, aquele que sabe que não sabe está a um passo de despertar”. Nesta direção o jornalista/poeta Rodrigo Barradas (2021) ressalva no site *Portal Vermelho* acerca de uma aula magna de Ariano Suassuna que diz: “Antigamente, para conquistar e subordinar um país, os Estados Unidos mandavam exércitos. Hoje, mandam Michael Jackson e Madonna”. Na verdade, eles mandam ainda os dois. Arte pop descartável, Hollywood – ainda existe? –, e guerra direta ou indireta”.

Neste sentido, a colonização do pensamento é mais perigosa/eficiente para fins de dominação que a colonização territorial. Não obstante, a Educação Baseada no Hip-Hop poderá atuar como um forte agente na desconstrução epistemológica causada pelos opressores que invadiram os territórios latino-americanos e caribenhos, estes colonizaram não somente nossas terras. Mas também, nossa epistemologia para que continuássemos nos autodepreciando, nos colocando nesta condição da “síndrome do vira-latas”, que faz com que pensemos que sempre o que vem de fora de nossas terras é superior e mais elevado, mais científico. “Legitimando” a agenda de colonização epistêmica oriunda dos invasores e colonizadores principalmente europeus que mesmo no século XXI, que seguem colonizando, mas, “colonizando” nossa episteme. Filtrando/distorcendo informações socio históricas, políticas e “científicas”. De acordo com Hankin (2017): “Um dos maiores objetivos dos rappers como pedagogos é o de empoderar as massas marginalizadas”. Portanto, segundo Rhuann Fernandes:

Djonga se destaca por suas letras politizadas e reivindicatórias, dando importância à musicalidade como forma de denúncia social e assumindo-se como referência de mobilização negra contra o racismo. Fez da música um instrumento de combate e estratégia de descolonização do cotidiano, a partir de uma análise minuciosa de questões sociais, como a conjuntura político-moral e proposições de possíveis ações de (re) existências. (Fernandes, 2020, p. 04).

A efetiva produção e apreensão do conhecimento deve levar em suma consideração, o cotidiano e o “capital cultural” das pessoas, neste caso dos alunos. De tal forma que não os converta em depósitos de informações que para eles não produz sentido, informações estas que muitas vezes são estrategicamente selecionadas/coletadas para fins de colonização da episteme. Para fins como foi dito antes, que não são para educação pensando no estudante como centro do processo e muito menos para autonomia de tais indivíduos. Para aplicar uma educação inclusiva no Brasil é urgente colocar em primeira instância a multiculturalidade do povo brasileiro específicos de cada lugar. Nesta direção Flávio Henrique Moraes (2021) nos diz que:

A publicação da obra *Pedagogia do Oprimido (1970) trouxe para o campo de debate sobre a questão dos processos de escrita a emergência dos aspectos do meio social como determinante e mediador da apreensão sociocognitiva*. As atividades de alfabetização que até então eram, em sua grande maioria, formalistas e abstratas, dado que a história da alfabetização no Brasil pouco mesmo limitados aquela multiplicidade, ainda são pluriversais quando se considera que os letramentos não estão restritos a espaços específicos nem a programas didáticos específicos. (MORAES, 2021, p.174, grifo nosso)

Neste sentido ainda segundo Moraes (2021):

O pensamento fronteiriço é translógico porque valoriza vozes múltiplas, esse pensamento é repleto de polifonia sempre emaranhado de possibilidades. Um aspecto importante a ser considerado é justamente a questão da necessidade do ser-estrangeiro, do lugar de fala e de cosmovisão minimamente diferentes das eurocentralidades, afrocentralidades, centralidades outras quaisquer para que um gênero plenamente novo surja e possa se colocar como novo, vivo e realmente de destaque. [...] Vindo de um lugar fronteiriço, isto é, da América Central [...] o dub⁴ da Jamaica ganha espaços nos guetos norte-americanos (MORAES, 2021, p.97)

Todavia, o uso do Rap como ferramenta pedagógica tem prós e contras, estigmas/preconceitos bem como potencial crítico e inclusivo, pois segundo Ana Cláudia Florindo Fernandes (2014):

Para se compreender tantas resistências a considerar o rap como arte, é crucial ressaltar que se trata de uma música produzida por não-músicos (pelo menos nos moldes conhecidos, segundo os quais, em grande parte, os músicos são formados, aprendendo dois instrumentos por longos anos de estudo), pessoas do povo, segregadas socialmente, trazendo consigo o estigma da música popular, que, além do mais, rompe com o gênero considerável assimilável da canção. *As letras profundamente engajadas politicamente, pautadas por forte contestação, provocam a academia e toda a crítica musical, marcada por um pensamento dito ‘tradicional’ que tende a desvalorizar os desdobramentos da música de vanguarda e uma arte que não seja contemplativa.* (FERNANDES, 2014, p.103, grifo nosso)

⁴ O gênero conhecido como Dub dentro da música jamaicana ao final dos anos 60, seria uma versão remix dos reggae jamaicanos, quando saiam os discos compactos de reggae no lado b do disco saia uma outra versão da mesma música, só que sem o vocal dos cantores/as (as vezes só com o refrão) com efeitos de *reverb*, *echo* e *delay* e outros efeitos de sons incomuns para se constar numa canção, suas instrumentais deram base para criar outros estilos como o Rap e Trip-Hop, ficou conhecido pelo trabalho do produtor jamaicano *Lee “Scratch” Perry*, e também por *King Tubby* e *Augustos Pablo*.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Histórico do início da Cultura Hip-Hop nos EUA

A dança, a música e a plasticidade dos desenhos/pinturas, elementos que compõem os chamados quatro elementos do Hip-Hop, atuaram como mecanismos de protesto/manifesto popular no Bronx⁵, na Nova York do final dos anos 60 e parte dos anos 70. Antes de seu advento, o lugar considerado por quase todos como o berço desta cultura, ou seja, no sul do Bronx um distrito de Nova York, passava por um período conflituoso em termos políticos e socioeconômicos, como podemos ver a seguir:

Os anos 60 tiveram importância social e cultural mundiais. [sic] Com os movimentos exigindo mudanças se espalhando pelas faculdades e linhas de frente dos guetos americanos, *sentia-se que as sementes da revolução estavam sendo plantadas*. (RUBBLE KINGS, 2015, n.p., grifo nosso)

O movimento/cultura Hip-Hop recebeu forte influência deste eventos que estavam acontecendo aproximadamente no fim dos anos 60 e começo dos anos 70 nos EUA. Um momento de muitas lutas dos movimentos sociais e de resistência pelos direitos políticos/civis em quase todo país, mas também na terra da estátua da “liberdade”. Um pouco após este período, já no início dos anos 70, o movimento Hip-Hop inicia sua construção/advento composto principalmente pelos povos afrodescendentes, caribenhos e latinos dentre outros como descendentes de judeus, irlandeses, ítalo-americanos, asiáticos etc. O clima de protesto/manifesto e reivindicações sociopolíticas estava no ar.

O Estado simplesmente fechou os olhos para a situação calamitosa que aqueles cidadãos (dentre migrantes e imigrantes) estavam passando, o que gerou ainda mais tensão entre os povos habitantes do sul do Bronx. Com isso uma gigantesca onda de conflitos, stress mental e físico caiu sobre aquelas pessoas, que estavam sendo privadas, da assistência aos direitos básicos dos cidadãos. Direitos como por exemplo: o de ter segurança, empregos, acesso à cultura e diversão, assistência de saúde, aquecimento a gás (lembrando que a época de frio é intensa em Nova York) escolaridade e moradia adequada, com todo este terrível processo imposto pelo descaso dos governantes, a tensão e angústia entre os habitantes do subúrbio no sul do Bronx ficou a nível insuportável.

⁵ A primeira metade desta seção tem influências dos dados oferecidos pelos depoimentos dos personagens que viveram no epicentro deste processo no sul do Bronx. Me refiro ao documentário “*Rubble Kings*” ou “Os Reis do Bronx” de 2015. Dirigido pelo filósofo e escritor nascido no Bronx, Marshall Berman, ele era também professor de Ciência Política do City College of New York e do Graduate Center da City University of New York, onde ensinava Filosofia Política e Urbanismo.

Cansados de tanta violência mútua, descaso das autoridades e injustiças sociais que estavam passando e, inspirados por um membro de uma gangue do Bronx com o espírito filosófico e diplomático, de nome Cornell “Black Benjie” Benjamin também conhecido nas redondezas como “*peacemaker*” (pacificador) decidiram se organizar. Black Benjie dava palestras conscientizando os gangueiros com sua retórica simples e compreensível sobre política e direitos humanos (que aprendeu com um membro do movimento de resistência *Panteras Negras*) foi aos poucos convencendo membros das inúmeras gangues do sul do Bronx. Assim juntos foram dando os primeiros passos para unir os povos que inicialmente brigavam entre si, estas rodas de conversa são traços norteadores que influenciaram marcadamente o início do processo organizado do que se tornaria o *Movimento Cultural Artístico Hip-Hop*. Entretanto, Benjie o Pacificador infelizmente, foi morto pregando a paz.

Com o assassinato de Black Benjie, deste líder respeitado referência de muitos gangueiros de distintas gangues e que era símbolo de esperança, a tensão entre os habitantes e as gangues piorou, aumentou até estourar, o que fez implodir a chamada *guerra entre as gangues no sul do Bronx em Nova York*. O assassinato de Black Benjie foi um choque, sua morte abalou a grande maioria dos povos afetados pelas injustiças sociais no Bronx, principalmente seus companheiros de gangue. Segundo o que podemos constatar segundo Gylherme Custódio:

E foi justamente tentando apaziguar um conflito entre rivais que Cornell foi assassinado, o que fez com que o conflito saísse do controle e estivesse prestes a se tornar o ponto mais violento da guerra entre as gangues quando os líderes restantes dos Guetto Brothers decidiram reunir os rivais e criar um tratado de paz. Assim, *as block parties da qual Kool Herc foi o pioneiro ganharam o espaço das disputas de território da mesma forma que as cores das gangues deram lugar ao graffiti e fizeram com que os integrantes das gangues se tornassem fundadores do movimento hip-hop*, termo cunhado pela Zulu Nation, organização fundada pela antiga gangue Black Spades em articulação com líderes de outros grupos. Desse modo a arte conseguiu acalmar “feras selvagens” e tornar disputadas violentas em batalhas de MC e de breaking. (CUSTÓDIO, 2017, n.p., grifo nosso)

Houve esta famosa reunião, onde estiveram presentes todos os líderes de todas as gangues, onde foi discutido algo óbvio, que eles se encontravam na mesma situação opressora e calamitosa promovida pelas autoridades governantes da época. O Fato é que estavam se matando entre eles mesmos, enquanto os ricos ficavam mais ricos, numa ação perversa de gentrificação/segregação social. Contudo isso perceberam o plano de segregação e, tomaram a decisão de se unirem para defenderem uns aos outros, onde de maneira unânime finalmente foi decidido pelo cessar da guerra entre as gangues e pela paz. Os limites entre os territórios das gangues perderam o sentido. Até mesmo o *modus operandi* das gangues mudou, agora o lema era eles contra a segregação e violência social.

Após esta reunião e com o começo do cessar dos conflitos, as ruas já não eram mais um local de violência, tráfico de narcóticos e morte, as pessoas precisavam de uma ocupação para suas mentes e corpos, uma espécie de catarse aconteceu e, foi por meio das artes. Isso ocorreu quando as ruas de todos territórios demarcados e antes restritos pelas gangues, podiam agora ser transitadas por qualquer pessoa. As pessoas buscaram refúgio nas manifestações artísticas urbanas populares, oriundas de cada etnia presente naquele local tão pluralizado. Buscaram aproveitar o único espaço que lhes restaram, ou seja, as ruas, becos, vielas e prédios abandonados. Com o tempo aconteceram atividades artísticas de toda natureza, tinha também as pinturas/desenhos, culinária dentre outras manifestações artísticas. Os bailes e festas começaram logo depois, onde dançavam e cantavam (e agora podiam paquerar). Posteriormente ficaram mais organizados se tornando regulares e fixos, um pontapé inicial para o surgimento das batalhas dos quatro elementos, que configuraram o movimento cultural Hip-Hop.

Estas manifestações ficaram mais objetivas com regras/normas de atuação próprias e, também lindamente estéticas, cativantes, profundamente respeitadas. Se tornaram competitivas, surgindo assim “as batalhas dos quatro elementos”. Este complexo processo sociohistórico, resultou num fenômeno social artístico político que foi forjando este movimento cultural de resistência e conscientização. Feito alcançado com a força principalmente da *união, paz, amor, alegria e consciência social* remetendo ao lema da *Universal Zulu Nation: Peace, Unity, Love and Having Fun* (Paz, Unidade, Amor e Diversão. Tradução livre). Podemos destacar também, a importância do DJ Afrika Bambaataa não só como artista, mas como ativista social e líder, conforme podemos notar segundo Márcia Leão e Frederica Lupati:

[...]Afrikaa Bambaataa fundou a Zulu Nation na década de 1970, numa atmosfera de muita violência entre gangs e lutas entre bairros no Bronx de Nova York. *Com a ajuda da associação de bairro, conseguiu reunir representantes e líderes de cada grupo de gang e convencê-los a substituir a luta violenta com a competição artística, numa visão de paz e união em que se suspendia a lógica da morte.* Homem de grande carisma, seu argumento mais forte na luta à violência entre as gangs locais foi o de que estas estavam de facto colaborando com o plano do Poder, isto é, o de exterminar (indiretamente) negros americanos [...]. (LEÃO; LUPATI, 2012, p. 02, grifo nosso)

Podemos dizer que a *Universal Zulu Nation* foi o primeiro coletivo organizado do Hip-Hop. A *Zulu Nation* até os dias atuais promove discussões sociopolíticas e estéticas relacionadas às minorias⁶ e ao Hip-Hop ao redor do mundo. O público que forma os projetos sociais ao redor do

⁶ As ditas minorias aqui são muitas vezes maioria estatisticamente, como por exemplo os negros e pardos que juntos são maioria em número populacional no Brasil, assim como as mulheres são maioria numérica no país, mais que os homens alias. Mas, se enquadram no conceito de “minorias” por não terem acesso aos mesmos direitos sociais efetivamente, podem até possuir certos direitos por lei, mas, na prática não acontece. Portanto, são minorias em termos de acessibilidade consumada. Os indígenas por outro lado, são minorias numéricas nas estatísticas populacionais e também são minorias.

mundo e que amam e acompanham este movimento cultural, buscam estar em consonância aos princípios de Paz, União, Amor e Diversão promovidos pela *Universal Zulu Nation* e seus membros.

2.1.1 Os Quatro Elementos da Cultura Hip-Hop

O Movimento Hip-Hop é essencialmente um movimento cultural artístico de resistência e conscientização. O Hip-Hop transcende sua classificação de elementos artísticos, não se trata somente da música *rap*, das performances dos DJs, da dança *Breaking* e dos desenhos feitos em spray chamados de Grafite, nem mesmo da moda ou estética Hip-Hop. Mesmo que os chamados quatro elementos, sejam intrínsecos ao movimento Hip-Hop, o fator principal que impulsiona seu surgimento, está relacionado diretamente às lutas e conscientização pelos direitos humanos/civis em Nova York. Foi quase que necessário o surgimento deste movimento de resistência, para que a angústia e os conflitos internos que dominavam os moradores do Bronx e suas gangues cessassem. Este movimento cultural é um movimento estético-político e educacional. Atualmente o movimento Hip-Hop é uma das culturas mais pertinentes do mundo, que se tornou com o tempo um movimento cultural/estético de proporções globais com artistas de Hip-Hop tendo notoriedade em várias esferas educativas, técnicas e de lazer, promovendo respeito pelas atuações sociais, aos seus artistas e arte educadores que se tornaram referências, Hip-Hop para alguns é um modo viver a vida e de sustento.

Muitas pessoas que escutam música *rap*, acham que *rap* e Hip-Hop são a mesma coisa, acham que Hip-Hop é um estilo musical. Não é só isso, a palavra *rap* é uma sigla que vem a significar *Rhythm And Poetry* traduzindo em português *Ritmo & Poesia*, o *rap* é um estilo misto constituído por dois elementos do movimento Hip-Hop. Sendo eles, o MC (*Master of Ceremony*) ou *rapper* junto com o suporte de um DJ (Disc Jôquei ou discotecário) aquele que comanda os toca-discos, o maestro regente dessa sinfonia. O movimento Hip-Hop é um movimento cultural/artístico/social/estético que consiste em *quatro elementos* como é chamado pelos *hip-hoppers*⁷ e pela comunidade que o acompanha. Consiste de quatro manifestações artísticas bem delimitadas sendo uma delas o DJ que foi o primeiro elemento a surgir nesta cultura. O DJ cria ritmos, as instrumentais ou *beats* (batidas instrumentais de *rap*), faz manobras/performance nos toca-discos, participa de batalhas de DJs (competições entre os disc jôqueis), ministra oficinas técnicas sobre sua atuação e comanda o baile. Ele ainda é o que dá suporte musical para os *rappers* cantarem e poderem fazer suas rimas.

em termos de acessibilidade, ambos os casos se enquadrariam no conceito de *grupos vulneráveis*, ou melhor, *grupos vulnerabilizados*, não possuindo tratamento igual mesmo tendo os mesmos direitos.

⁷ Hip-hoppers são todos aqueles que praticam algum dos quatro elementos da cultura Hip-Hop.

Só para citar três personagens, que foram algo como *os precursores* deste elemento, podemos citar o DJ jamaicano radicado em Nova York conhecido como DJ *Kool Herc*, considerado por muitos como o grande iniciador dos bailes e festas nos guetos. Temos também, o DJ *Grandmaster Flash* nascido em Bridgetown que é a capital de Barbados, ilha-estado localizada no sudeste do mar caribenho. Citado anteriormente, temos o DJ nova iorquino Africa Bambaataa, que é ex. membro de gangue, ativista e criador do movimento social pelos direitos dos negros a *Universal Zulu Nation*, que é atualmente uma das mais relevantes organizações sociais de luta dos diretos dos afrodescendentes dos Estados Unidos da América. Como podemos notar a *Universal Zulu Nation* está ligada ao advento desta cultura e surgiu paralelamente a ela, conforme isso de acordo com Marcos Albuquerque:

O surgimento do movimento hip-hop organizado mundial está diretamente vinculado à fundação da universal zulu nation em 12 de novembro de 1974, onde reuniria: djs, dançarinos, Mcs, grafiteiros, com sede na avenida sedgwick, 1520, no Bronx. *Com o lema paz amor união e diversão com responsabilidade, a entidade desenvolveu dinâmicas por meio da dança música e artes plásticas, também promoveu palestras, as infinity lessons (lições infinitas), sobre temas como: matemática, ciências, economia, prevenção às drogas e doenças, entre outros. A ideia é transformar positivamente o comportamento dos membros de gangues de rua e assim tornar do negativo para o positivo gerando uma conscientização social.* (LEAL *apud* ALBUQUERQUE, 2018, p. 02, grifo nosso)

Bambaataa além de tantas atividades também é produtor musical, compositor e cantor, é tido por muitos como o responsável pelo batismo do nome do movimento. Entretanto, a história não é linear, tem várias facetas, até a história do surgimento da cultura Hip-Hop não é uma história única. Todavia, esta versão contida no presente trabalho, é a versão mais aceita pela comunidade mundial. Não temos um consenso nem mesmo entre seus pioneiros que viveram no Bronx. Mas, a grande maioria dos primeiros membros desta cultura defendem que o DJ Afrika Bambaataa foi quem batizou o movimento como Movimento Hip-Hop. Foi refletindo sobre isso que fiz a escolha de coletar as informações, principalmente no depoimento daqueles que viveram diretamente este processo e, que resolveram narrar seus testemunhos num documentário de lábios aos ouvidos.

Continuando, acerca dos 4 elementos, trataremos agora do MC, outro elemento dessa cultura, o MC ou *rapper* seria aquele responsável pelas pesquisas/estudos para compor as letras de *rap*. Além de letrista ele ainda anima os bailes e, “controlando o microfone” anima a plateia. Também participa das “batalhas de improviso de rimas”, competições mais popularmente conhecidas como “batalhas de freestyle”. O MC também é tido como porta-voz deste movimento, por literalmente emprestar sua voz aos impedidos de falar. O MC ou *rapper* deve ser além de músico de *rap*, ser um ativista das causas dos grupos mais vulneráveis, deve doar um pouco do seu tempo para causas sociais como por

exemplo oficinas, palestras e rodas de conversa, conscientizando levando temas sociais e problemáticas ligadas as classes mais prejudicadas para poder conscientizá-las do processo de colonização de suas epistemes promovendo certa autonomia e consciência de seus direitos. O MC deve ter principalmente empatia, um espírito filosófico e um grande senso de coletividade, querendo ele ou não, estará influenciando as opiniões de seus interlocutores, daqueles que amam, acompanham, estudam e estão prestando atenção a este movimento e levando seus preceitos como filosofia de vida.

Dos quatro elementos, os MCs são os/ representantes/conscientizadores que mais se expõem, devem ser questionadores, combativos e ativos politicamente falando, são os “cronistas poéticos”, os repórteres e pensadores das ruas. O MC é aquele que através de sua *poesia cantarolada* busca conscientizar e lutar contra as injustiças sociais, através de suas letras, rimas e discursos. O *rapper* ou MC deve ser os olhos atentos e a voz reivindicadora daqueles que estão sendo ludibriados e silenciados e, muitas vezes sofrem em silêncio sem saber como reivindicar pelos seus direitos por conta da ignorância sociopolítica imposta a eles pela colonização epistêmica dos poderosos. Os *rappers* devem “abrir os olhos” e dar visão aos invisibilizados e negligenciados pelos sistemas e estruturas neoliberais da sociedade do espetáculo. Deve ser a voz daqueles que sofrem com o racismo e preconceito, a voz daqueles que foram intencionalmente/estrategicamente esquecidos.

Como podemos notar, existe um tipo de “ética do MC”. Portanto, este deve tomar muito cuidado com o que fala, pois, ele é um formador de ideais e opiniões, sendo ele o maior responsável pelo chamado de “quinto elemento” do Hip-Hop, que é o conhecimento. O que o MC profere no microfone muito jovens e também adultos podem e provavelmente vão se influenciar, muitos levam muito a sério, tendo nas ideias advindas do Rap como modo de vida. Portanto o MC, deve tomar a devida cautela quanto a isso. Pois, se ele falar coisa que não deve, algo que destoe das propostas sociopolíticas e conscientizadoras da postura filosófica dentro do Hip-Hop, participantes sérios que acompanham o movimento irão questioná-lo e cobrá-lo. Tudo isso torna a música *rap*, algo muito mais do que uma manifestação artística/estilo musical, o que difere em muito de outros estilos musicais. Aliás, o *rap* transcende a categorização de estilo musical, é uma forma de (re)pensar a vida social cotidiana urbana nos lugares marginalizados. Como vimos, a música *rap* faz parte ativa de dois dos elementos da cultura Hip-Hop, restando ainda mais outros dois elementos como o *Break Dance* ou *Breaking* e o *Graffiti*.

Junto a estes dois primeiros elementos surgiram os dançarinos/as das ruas os chamados *B-boys* e *B-girls*, isto é, das garotas/garotos da “*Street Dance*”, que compõem o elemento batizado de

Break Dance ou Breaking. O *Breaking* é um estilo de dança onde é incorporado a mescla de vários outros estilos de dança, talvez devido ao caráter multicultural das etnias do Bronx em Nova York que é seu berço. As B-girls e os B-boys também participam de competições ou “batalhas de dança”, motivo este que foi um dos centrais para que as gangues de Nova York parassem de resolver suas diferenças na bala e na pancadaria. Depois do cessar da guerra entre as gangues, a rivalidade se tornou artística quase que desportiva.

Ao invés do uso da violência, eles batalhavam/competiam através da arte, no caso, através da dança. Um exemplo histórico evidente de que a arte pode transcender a violência, e que a competição/rivalidade sadia pode transcender o sentimento de raiva e angústia. As gangues que batalhavam violentamente entre si, deram lugar às *crews*⁸. Segundo Marcos Alexandre Bazeia Fochi (2007, p. 64): “As equipes denominam-se *crews*, sendo que cada uma tem sua assinatura, ou *tag*⁹, na linguagem deles”. O senso de competitividade e de rivalidade entre as chamadas *crews* dos elementos, neste caso dos dançarinos, se dá mais no sentido de auto superação e mais treinamento para tanto. De modo a se desenvolver e se elevar em termos técnicos em sua área de atuação artística, o mesmo acontece nas batalhas dos outros elementos do Hip-Hop. Como disse em uma de suas músicas o *rapper* brasileiro (Criolo, 2006): “a arte liberta”.

O elemento estético/visual dessa cultura, já estava na ativa quando o termo Hip-Hop ficou conhecido, estou me referindo ao Grafite, ou, propriamente aos grafiteiros que são os pintores e desenhistas do movimento Hip-Hop, eles são responsáveis pela plasticidade visual artística mesclada com mensagens de protesto social/poéticos presentes em seus desenhos e pinturas. O Grafite consiste de pinturas realizadas majoritariamente nas paredes e muros das cidades e metrópoles, ou em qualquer outro local urbano visível, geralmente num lugar aberto, para que as pessoas que transitam pelas ruas possam ver. O meio urbano aqui se transforma em uma galeria de arte a céu aberto, configurando a galeria de arte mais democrática de todas, por estar localizada nas ruas. Fazendo uma ressalva devemos saber distinguir as nuances do Grafite do Pixo ou pichação que são um tanto diferentes. Simplificando bastante, o *Pixo*¹⁰ está mais relacionado com demarcação de território e o protesto

⁸ Crews na linguagem do Hip-Hop quer dizer, grupos, coletivos ou gangues, por exemplo, crew de grafiteiros, crew de b-boys ou b-girls, crew de DJs, crew de MCs etc. Existem crews que mesclam os quatro elementos em uma mesma crew. O objetivo central das chamadas crews, seria unir alguns indivíduos que tem ideais ou objetivos similares dentro das artes urbanas da cultura Hip-Hop.

⁹ Seria uma espécie de assinatura característica que geralmente o grafiteiro faz quando termina sua arte, da mesma forma os pintores fazem suas assinaturas em suas telas, os outros elementos também se utilizam dessa assinatura.

¹⁰ Para saber mais ver documentário Pixo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew&t=56s>> Acesso em 14 de set. de 2022 no canal TX NOW.

combativo e anônimo, sem possuir a preocupação com a questão estética, que o grafite tem. A pichação, é muitas vezes uma forma de protesto realizado em lugares, que os pichadores consideram que deveriam estar sendo usados para atividades sociais e não estão.

Com tudo isso, podemos constatar que o Movimento Cultural Hip-Hop, através de uma filosofia de vida (modos de vida) em comum, com a elaboração dessas manifestações socio políticas e artísticas conhecidas como os quatro elementos do Hip-Hop, teve a proeza de fazer para aquele período sombrio de opressão governamental, o que nenhuma outra atividade cultural logrou fazer: a de por meio da arte (re)educar, conscientizar e acabar com a rivalidade ultraviolenta dos subúrbios e unir distintas etnias que até então estavam em conflito nos guetos de Nova York no sul do Bronx.

2.1.1.1 Potencialidades e Desafios da Pedagogia Hip-Hop/EBHH como Ferramenta Pedagógica

Pedagogia Hip-Hop é um termo utilizado por educadores e pedagogos nos EUA e recentemente aqui no Brasil, que busca viabilizar intersecções entre Cultura Hip-Hop e a didática/metodologias em sala de aula. De modo a promover um “resgate socio epistêmico” por meio de uma educação inclusiva motivadora, que busca em última instancia descolonizar o pensamento (promovendo autonomia) que nos faz crer que somos menos por estarmos localizados nas periferias do conhecimento humano e também nas periferias das cidades. A Pedagogia Hip-Hop opera sobretudo para jovens em contexto periférico e de vulnerabilidade social que sofrem com a baixa autoestima devido a padrões tradicionais estudantis exigidos por instituições educacionais que ignoram o contexto cotidiano de seus estudantes. Estes estudos pedagógicos com Hip-Hop estão em evidência há pouco mais de uma década, chegando as escolas através do antropólogo/professor afro americano Dr. Marc Lamont Hill por meio de sua obra intitulada originalmente de “*Beats, Rhymes, and Classroom Life: Hip-Hop Pedagogy and the Politics of Identity*”, no Brasil esta obra chegou com o nome de: Hip-Hop “Batidas, Rimas e Vida Escolar – Pedagogia Hip-Hop e as Políticas de Identidade”.

Esta proposta chega também no Brasil, dentre outros títulos, temos através da educadora brasileira *Cristiane Correia Dias* através de sua obra: “*A Pedagogia Hip-Hop – Consciência, Resistência e Saberes em Luta*”. A Pedagogia Hip-Hop nasce de uma necessidade de uma pedagogia que seja pertinente para alunos que são tidos como invisíveis e incapazes, no processo de sucateamento da educação, bem como por currículos mais tradicionais que visam um “modelo ideal” romantizado de estudantes. Nesta direção, concordamos com Nilma Nilo Gomes, uma vez que a

autora afirma que:

Há apagamentos históricos e epistemológicos presentes nos currículos, nas propostas e nas práticas educacionais, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, que só serão superados se o campo educacional e a produção científica compreenderem-se como espaços que precisam descolonizar-se (GOMES, 2021, p. 436-437).

Em consonância com práticas pedagógicas que visam descolonizar o currículo, a Pedagogia Hip-Hop surge de uma contingência dos próprios estudantes quando consultados temas culturais relevantes para eles. Esta alternativa pedagógica/artística, em termos mais formais é também conhecida como EBHH (*Education Based in Hip-Hop*). Também utilizada por Marc Lamont Hill, a sigla EBHH vem a significar *Educação Baseada no Hip-Hop*, que seria a didática que busca fazer intersecções estratégicas entre a cultura/movimento Hip-Hop e seus quatro elementos e o processo de ensino aprendizagem, para que a Pedagogia Hip-Hop seja aplicada em sala. Visando sair da informalidade a EBHH através da pedagogia Hip-Hop busca ir para a práxis pedagógica em sala de aula de forma estratégica, organizada e projetada com base nas demandas e habilidades/cultura que os estudantes possuem, mas buscando também auxiliar no desenvolvimento intelectual de habilidades formais escolares necessários para o letramento escolar mais geral, neste processo.

Um exemplo que encontrei nestas investigações destes professores trabalhando com a proposta da EBHH em sala de aula no Brasil, foi numa seção do livro intitulado: “*Culturas Ancestrais E Contemporâneas na Escola - Novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003*” especificamente na seção nomeada: “**2. Serviço de preto, muito respeito: introdução às discussões sobre as raízes do racismo, da discriminação no Brasil e história africana por meio do rap**” (p.69), com professor Kleber Galvão de Siqueira Jr (2018) historiador, mestre e doutorando em educação pela USP (Universidade de São Paulo). Ele é educador/pesquisador sobre estratégias de ensino-aprendizagem de história e cultura da África e dos povos afro brasileiros. Por meio da pedagogia Hip-Hop proposta por Marc Lamont Hill.

O professor Siqueira Jr. trabalhou em conjunto com o arte-educador, *rapper* e mestre em educação Daniel Garnet. Ambos trabalharam num esquema de docência compartilhada com as professoras: Rosana Divino de língua portuguesa, Michele Bernardes e Juliana Borges das salas de informática, história e leitura, utilizando uma canção de *rap* como recurso didático em sala de aula. Para tanto, eles elegeram uma música *rap* (projetaram a letra no slide para os alunos lerem) que tem

como temática aspectos do racismo institucional¹¹ e epistêmico, o *rap* que foi escolhido foi: “Serviço de Preto¹² - Daniel Garnet & PeqnoH (Part. Phael Camargo) - Prod. Donde. Eles realizaram uma dinâmica usando o videoclipe desta música, que segundo Siqueira Jr. (2018) ocorreu que:

Depois da leitura da letra e de assistir o clipe do rap [...] pode-se perguntar aos alunos: Qual os temas centrais da letra de rap? Quais os elementos ou características que o ajudaram a elaborar sua resposta? Destaque o(s) trecho(s) mais interessante/relevante/significativos em sua opinião e justifique. Você vê relação entre desigualdade social, racismo e discriminação? Tais práticas teriam origens históricas comuns? A partir da resposta dos alunos, o educador terá elementos para iniciar as reflexões que introduzirão a temática das próximas aulas. Nesta primeira docência, pode-se discutir sobre a relação entre o escravismo, a desigualdade social, o racismo e o preconceito no Brasil tomando por base a interpretação da letra de rap [...]. Nas demais aulas, retomamos pontos e ideias suscitadas pela letra e por tais discussões iniciais. (SIQUEIRA JR, 2018, p. 82-83, grifo nosso)

O resultado dessa dinâmica em sala, com letra de rap como material de apoio segundo professor Siqueira Jr foi satisfatório para os propósitos pedagógicos da aula de história e cultura da África, bem como sua diáspora afro-brasileira. Teve êxito no tocante à temáticas como invasão/colonização de territórios dos povos africanos, racismo institucional e estatal, colonização dos saberes e, também do “capitalismo selvagem” que cresceu na Europa por conta da comercialização de escravos em países como Brasil. Esta dinâmica de pedagogia com *rap* segundo Siqueira Jr. (2018, p.71): “[...] forneceu novos elementos aos alunos para que estes se sensibilizassem e mobilizassem a escola para o combate ao racismo e ao genocídio que está atingindo, sobretudo, os jovens negros em nosso país”. Com efeito, nesta direção consideramos interessante destacar as reflexões de Nilma Lino Gomes, dado que a autora aponta a necessidade de maior compromisso no Brasil no que diz respeito ao combate ao racismo:

A expectativa (e esperança) é que estejamos diante de uma crescente reação antirracista na sociedade que envolva muitos sujeitos, negros e não negros, organizações progressistas, mídias alternativas, movimentos sociais e instituições democráticas. E que esse processo ajude a desencadear, tanto no público quanto no privado, um maior compromisso do país com o combate ao racismo estrutural e institucional alicerçado na construção de alternativas políticas, sociais, econômicas, culturais e educacionais para a sua superação. Talvez os tempos antidemocráticos que vivemos ajudem a despertar nas pessoas e nas organizações progressistas que não é possível reconstruir a democracia e implementar políticas antirracistas e de igualdade racial sem lutar contra o racismo (GOMES, 2021, p. 442, grifo nosso).

¹¹ Um exemplo recorrente de racismo institucional, é quando a população afrodescendente é vítima de racismo ao procurar assistência nos setores públicos tais como escolas, postos de saúde, hospitais públicos, prefeituras etc. Poderá ser vivenciado até mesmo pelos próprios servidores públicos afrodescendentes na convivência com os colegas e com aqueles que buscam atendimento nos serviços, entretanto, o racismo institucional perpassa todas as instituições sendo públicas, privadas dentre outras comunidades. O autor Silvio Luiz de Almeida trabalha este conceito na obra “Racismo Estrutural” de 2019.

¹²Confira o videoclipe desta música publicada no canal Vimos Video, disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkvjsqv-gHo>> Acesso em 21 de jun. de 2022.

Outros exemplos de música/vídeo que poderiam servir de recurso didático contemplando pautas semelhantes, seria: do rap/denúncia do *MC Nego Max* – “*Eu não sou racista*”¹³ (rap inspirado na música “*I’m not racist*” de Joyner Lucas¹⁴) ou até mesmo do rap/manifesto de *Thiago Elniño - Amigo Branco*¹⁵, todos estes exemplos de recurso audiovisual trabalham aspectos similares. Recursos paradigmáticos que poderiam operar na esfera educacional inclusiva da lei 11.645/08.

Um dos defensores mais conhecidos e um dos primeiros a trabalhar com essa nova pedagogia é o autor Marc Lamont Hill, acadêmico, jornalista, escritor, ativista e apresentador de televisão. Atualmente trabalha como professor no *Teachers College* (Escola de Formação continuada para professores) na Universidade de Columbia em Nova York, também local de surgimento da primeira rádio independente de expressão da cultura Hip-Hop a inserir a cultura urbana através de um veículo de informação inclusivo dentro da academia, conduzido pelos DJs Adrian “Stretch Armstrong” Bartos e Bobbito Garcia (ver documentário “*Stretch and Bobbito: Radio That Changed Lives 2015* disponível: Netflix). Diante disso, vemos uma certa abertura desta universidade com a cultura Hip-Hop. Segundo o professor Hill (2014):

Em particular, estudiosos têm demonstrado como os elementos da cultura Hip-Hop – a música rap, o turntablism, a dança break, a cultura do grafitti, a moda e a linguagem – podem ser contemplados nas salas de aula para melhorar a motivação dos alunos, ensinar leitura crítica da mídia, promover a consciência crítica e transmitir conhecimentos curriculares. Estes focos e abordagens, juntamente com outros, compõem coletivamente o campo de estudo que eu chamo de Educação Baseada no Hip-Hop (Hip-Hop Based Education). *Embora as pesquisas atuais em EBHH tenham demonstrado a eficácia dos currículos baseados no Hip-Hop para contribuir em ambientes de aprendizagem e com resultados mais favoráveis, pouca atenção tem sido dada às participações culturais associadas a essas intervenções.* (HILL, 2014, p. 38-39, grifo nosso)

Todavia, não foi somente o Dr. Marc Lamont Hill¹⁶, o único a trabalhar com esta proposta pedagógica alternativa. Nesta linhagem de professores trabalhando com a EBHH, além dele é relevante apresentar os professores: Dr. Jeff Duncan-Andrade¹⁷, Dr. Ernest Morrell¹⁸ e o Dr. Christopher Emdin¹⁹, conformando um grupo de educadores com ideias progressistas e inclusivas na

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>> acesso em 14 de set. de 2022

¹⁴ Disponível legendado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YrIC2RpkqZw>> acesso em 14 de set. de 2022

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bh9FopAu-vk>> acesso em 14 de set. de 2022

¹⁶ Para saber mais sobre o Dr. Marc Lamont Hill visite o site disponível em: <https://towcenter.columbia.edu/content/marc-lamont-hill> Acesso em: 23 de jun. de 2022

¹⁷ Para saber mais sobre o Dr. Jeff Duncan-Andrade visite o site disponível em: <https://www.calstate.edu/impact-of-the-csu/student-success/Profiles/Pages/Dr-Jeffrey-Duncan-Andrade.aspx> Acesso em: 23 de jun. de 2022

¹⁸ Para saber mais sobre o Dr. Ernest Morrell visite o site disponível em: <https://english.nd.edu/people/faculty/morrell/> Acesso em: 23 de jun. de 2022

¹⁹ O Dr. Christopher Emdin desenvolveu e fez parceria com o rapper GZA (Wu-Tang Clan) e o site Rap Genius para desenvolver o Science Genius B.A.T.T.L.E.S, que envolve os alunos na ciência através da criação de raps e uma competição final de batalha de rap. Emdin é fundador do bate-papo e movimento social #HipHopEd. Fonte Wikipedia.

esfera educacional crítica, por meio destas estratégias que combinam a cultura Hip-Hop com as ferramentas pedagógicas desenvolvidas nas suas respectivas áreas de atuação acadêmica.

Com uma breve pesquisa nos veículos de cultura e mídia jovem, podemos observar que a movimento/cultura Hip-Hop nos dias de hoje, é altamente relevante para as juventudes desta geração, dentre muitas razões, por aceitar estes jovens da forma que são e sem julgamentos, também por falar em uma linguagem mais próxima ao contexto social deles, sobretudo a dos jovens que vivem nos guetos. A cultura Hip-Hop é relevante por ter uma vasta gama de artifícios estético-artísticos audiovisuais que os agradem e os mobilizem, que podem ser transmitidos pelas TIC's. Mas, também pelo fato da cultura Hip-Hop fazer parte de um movimento insurgente assim como a postura mais comum as juventudes, especialmente as oprimidas pelos sistemas. Diante disso, segundo Hill (2014):

Dada a relevância da cultura Hip-Hop na vida de muitos jovens urbanos norte-americanos, a comunidade educativa começou a prestar considerável atenção nas possibilidades pedagógicas da cultura Hip-Hop em contextos escolares formais. (HILL, 2014, p. 38)

Assim como acontece nos EUA, cultura Hip-Hop também é relevante para os jovens brasileiros²⁰. “Nas últimas décadas vimos como as questões relacionadas à periferia vem sendo mostrada, dentre outras, pelas manifestações do movimento hip hop e principalmente pelas músicas dos jovens que expõem suas realidades e reivindicam mudanças”. (CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2010)

É importante salientar segundo Hill (2014) que:

[...] as *pedagogias de Hip-hop* refletem as várias maneiras que a cultura Hip-Hop autoriza valores particulares, alegações de verdade e posições subjetivas, enquanto implícita ou explicitamente, contesta outros. *Ao enquadrar estas questões como fundamentalmente pedagógicas, tornamo-nos teoricamente equipados para enquadrar os praticantes de Hip-Hop como agentes culturalmente engajados, intelectuais críticos e pedagogos públicos*, cuja produção intelectual reflete e constitui uma variedade de identidades, discursos e relações de poder. (HILL, 2014, p. 207, grifo nosso)

Na presente pesquisa buscarei de maneira breve e crítica²¹, analisar como a lei 10.639/03

Para saber mais sobre ele visite o site disponível em: <https://chrismdin.com/> e também o site: <https://www.tc.columbia.edu/articles/2013/march/emdin-gza-on-pbs-newshour-with-rap-genius/#section-139424>
Acesso em: 23 de jun. de 2022

²⁰ Confira uma amostra da relevância da cultura Hip-Hop em termos socioeducativos no Ceará nesta matéria disponível no site do governo do Estado no link: <https://www.ceara.gov.br/2019/08/30/a-importancia-do-hip-hop-no-contexto-da-socioeducacao/> Acesso em: 23 de jun. de 2022

²¹ Esta proposta não é novidade no Brasil, a autora professora Dr. Mônica do Amaral dentre outros autores, já trabalhou em estudo de caso com ela, junto com outros educadores, e isso se transformou numa importante obra intitulada

agora ratificada como lei 11.645/08 de 10 março de 2008 sancionada pelo Estado pode ficar apenas no papel, bem como ela poderia dar suporte a Pedagogia Hip-Hop/EBHH na aplicação da *pedagogia com rap* como vimos anteriormente na aula do historiador Siqueira Jr (2018) e outros exemplos similares. Sua homologação foi fruto de certo apoio governamental daquele período e sobretudo da luta e influência direta que os movimentos sociais afro-brasileiros e os movimentos sociais de resistência dos povos originários (indígenas) realizaram sobre as instituições educacionais e órgãos educacionais responsáveis junto ao estado, como o MEC. Acerca desta proposta da lei no contexto pedagógico/artístico, a Dr. Mônica do Amaral (2018) salienta que:

Nossa proposta surgiu das dificuldades encontradas para a implementação da Lei 10.639/03 nas escolas de ensino fundamental e médio. Pretende contribuir para a descolonização do currículo e provocar tensões no interior da própria transmissão do saber técnico-científico veiculado pelas disciplinas escolares, além de criar novas estratégias didáticas para o ensino de história, literatura, geografia, inglês, português, educação física, entre outras disciplinas, por meio da música, da poesia, da dança e de lutas ancestrais. Ao mesmo tempo, a ideia era superar hierarquias de saberes e conhecimentos, pela via do reconhecimento das contribuições das culturas que foram renegadas ou distorcidas pelo saber acadêmico, marcadamente monocultural e eurocêntrico. (AMARAL, 2018, p. 19-20, grifo nosso)

Neste sentido, tentarei fazer um adendo as relações entre as esferas jurídicas e educacionais, visando apresentar alternativas pedagógicas para a representatividade em especial do estudante afro brasileiro bem como o indígena dentre outros grupos vulnerabilizados. Apresentando a EBBH por meio da *pedagogia com rap* especialmente sobre conteúdos de história e cultura da África e dos povos originários, para as instituições educacionais brasileiras especialmente no Ensino Médio. De modo a combater em ambiente escolar, a discriminação racial e outros tipos de preconceito (dentre eles: misoginia, homofobia, xenofobia etc) como por exemplo o racismo epistêmico, a respeito deste conceito Renato Noguera (2011) salienta que:

O racismo epistêmico remete a um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referenciais filosóficos, históricos, científicos e culturais não ocidentais. Em outras palavras, o projeto epistemológico moderno estabeleceu critérios para distinguir o que é conhecimento válido do que não é conhecimento. (NOGUERA, 2011, p.15-16, grifo nosso)

Se a efetivação da lei 11.645/08 tivesse o devido apoio logístico e financeiro (suporte de formação continuada) do Estado junto as escolas, para que os educadores fossem assistidos adequadamente para terem condições de contemplar todas suas nuances em seus planos de ensino,

“Culturas ancestrais e contemporâneas na escola: novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003” pretendo tomar como ponto de partida este esquema buscando equilibrar políticas públicas com a proposta da Pedagogia Hip-Hop ou EBHH (HILL,2014) para poder demonstrar a viabilidade prática desta nova proposta pedagógica para os currículos formais de modo a tirar a lei do plano teórico e colocá-la em atividade para estudantes que não estão sendo “lembrados”.

poderia se tornar uma grande aliada junto com a ferramenta epistemológica inclusiva da pedagogia Hip-Hop/EBHH. Entretanto, existem alguns obstáculos para uma aplicação abrangente e satisfatória, como a falta de formação específica e contínua resultante do descaso e falta de investimentos do Estado para com o ensino público de qualidade. Sem uma ação conjunta de todo o corpo educacional das escolas com o suporte de ações públicas efetivas, a lei só pelo fato de existir não garantirá sua própria aplicação e, o resultado quase sempre será o sucateamento educacional e o racismo epistemológico/institucional. Deste modo, os alunos poderão ter contato com a cultura/história africana e indígena, apenas no dia do índio e na semana da consciência negra e de maneira simbólica.

É uma realidade contraproducente pedagogicamente falando, que escolas privadas e públicas careçam do devido suporte para seus docentes no sentido de formação continuada e, os processos de ensino aprendizagem nestas condições sigam abordando estes importantes temas em nosso país de maneira superficial e/ou, “somente para cumprir a tabela no MEC”. Os docentes sobrecarregados de trabalhos e funções ficam reféns desta situação, não tendo tempo e suporte logístico fora do expediente escolar para se aprofundar e pesquisar/estudar por conta própria. Pelo simples fato que eles são seres humanos não máquinas, tem suas vidas particulares com seus compromissos como qualquer professor ou estudante. Sendo assim, as questões étnico-raciais tema que merece maior destaque em nosso país, acabam ficando na superfície, as aulas de história da África por exemplo ficam reduzidas a conteúdos rasos, onde o continente africano muitas vezes é entendido pelos alunos como se fosse um lugar onde somente existisse doenças, fome, conflitos, guerras, mortalidade e animais exóticos por todo lado, sem apresentar também as referências mais positivas. Nesta direção, Renato Nogueira (2011) nos alerta que:

Pois bem, numa pesquisa preliminar realizada nos meses de maio e junho de 2011 pelo Afrosin sediado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com amostra muito reduzida, *um questionário com 10 perguntas foi respondido por professoras e professores de filosofia que atuam na rede pública fluminense e, eventualmente, em escolas privadas no ensino médio*. Sem dúvida, apesar de um provável caráter enviesado da pesquisa (algumas pessoas, na ocasião, já participavam do Grupo de estudos de Filosofia Africana), a maioria – 95% dos 93 questionários – *registrou que o seu curso de graduação em Filosofia não contribuiu para trabalhar no Ensino Médio em consonância com as Diretrizes para Educação das Relações Etnorraciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. (NOGUERA, 2011, p. 09-10, grifo nosso)

Diante desta complexa condição, da falta de suporte por parte do Estado para com as instituições educacionais bem como seus educadores, muitos estudantes ainda acham que África é um país, ou pior, que é um gigantesco safari. Desconhecendo o restante da história sobre este gigantesco continente, formado por inúmeros países com diversas e ricas culturas, com distintos processos socio políticos internos complexos, possuindo inclusive vários idiomas. Isso demonstra a

falta de importância/consideração que o Estado dá para estas questões tão importantes, sobretudo para auxiliar na manutenção para a formação inicial e continuada dos professores especialmente no ensino de base público nas escolas das periferias. Um desserviço onde os discentes e docentes são os mais afetados e acabam levando a culpa pela baixa qualidade no desenvolvimento do processo educativo, os educadores sofrem junto com os estudantes com a precarização da educação no Brasil.

Portanto, os estudantes ou acabam ficando com uma visão unilateral sobre um continente inteiro e toda sua ampla história e, tendo uma equivocada concepção sobre os índios não serem os povos originários deste país e, legítimos herdeiros de suas terras ancestrais, pseudo informações que colaboram (in)diretamente com o processo de genocídio indígena/população negra no Brasil. Não podemos esquecer o que nos alertou a escritora nigeriana *Chimamanda Ngozi Adichie* dos perigos de uma história única²², contada a partir de um único ponto de vista (CHIMAMANDA, 2009). O que também não podemos nos esquecer, que após cinco anos de homologação da lei 10.639, em 2008 tivemos outra grande conquista e os povos indígenas também foram representados, pelo menos juridicamente. Pois, a lei 10.639/03 foi atualizada por outra lei, que é a 11.645/08, onde foi acrescentado além obrigatoriedade do estudo da história e cultura de África e afro brasileira, também da história e cultura dos povos indígenas brasileiros no currículo das escolas. O título lei 10.639/03 é tratado de modo simbólico para com a luta dos movimentos sociais negros, sendo, que a lei foi revogada pela 11.645/08 e a conquista foi ampliada alcançando nossos irmãos conterrâneos indígenas.

Esta atualização da lei 10.639/03 para 11.645/08 por exemplo, nos dá suporte/amparo legal para que a *pedagogia com rap* possa operar também no ensino aprendizagem da cultura dos povos originários brasileiros no contexto da EBHH. Visto que, temos ativistas cantores/cantoras indígenas de *rap* brasileiros, com letras epistemologicamente inclusivas e representativas, muito conscientes de seus próprios processos de colonização mental e física. Que nos apresentam ganchos na composição de suas letras para tratar de assuntos relativos à sua cultura, cosmovisão e história de luta de seus ancestrais, em sala de aula. Um grande adendo, para a luta dos povos originários, e para educação brasileira inclusiva e emancipatória ao meu ver.

Uma problemática que poderá e certamente irá emergir na aplicação da pedagogia com *rap*

²² Confira a conferência de Chimamanda no link: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=37s> Acesso em: 16 de jun. 2022 - Descrição deste vídeo no Canal TED: “*Nossas vidas, nossas culturas são compostas de muitas histórias sobrepostas. A escritora Chimamanda Adichie conta a história de como ela encontrou sua autêntica voz cultural - e adverte-nos que se ouvimos somente uma única história sobre uma outra pessoa ou país, corremos o risco de gerar grandes mal-entendidos.*”

no contexto da lei 11.645/08 seria a de surgir uma tensão de natureza racial para com a EBHH, por parte de estudantes que não são afrodescendentes/indígenas e/ou de periferia, ou por ventura tenham resistência com o *rap*. Para evitar isso, como foi exposto na seção do histórico do Hip-Hop podemos explicar via material paradidático de modo a demonstrar que o movimento Hip-Hop é também uma manifestação multicultural/horizontal que surgiu no sul do Bronx constituída por inúmeras etnias e foram justamente suas diferenças que os tornaram fortes, *buscando uma certa universalidade humana* junta a comunidade Hip-Hop. Para tanto, pode se apresentar este minidocumentário²³ como recurso audiovisual aos alunos para compreenderem o caráter multiculturalista do Rap, a música Rap já em sua essência, quando começou a ser criado intrinsecamente tem sua constituição/configuração estética/musical multiculturalista. Pois, seria uma amalgama de vários outros estilos musicais, dentre eles os principais seriam: o Dub jamaicano, o Ragga, o Funk/Soul, o Jazz, o Blues e etc.

Nesta direção, visando transcender os estigmas impostos ao Rap, tem a opção de utilizar como material paradidático para ensino de história/artes dramáticas, musicais e corporais, o musical Hip-Hop Hamilton²⁴ podendo romper alguns estigmas sobre a musicalidade *rap* como a afirmação descontextualizada e preconceituosa que indica ser “música de/para bandido”. Este musical contendo dança, teatro, discurso histórico e o rap (disponível na versão filme no canal de *streaming Disney+*), foi dirigido pelo descendente de porto-riquenhos *Lin-Manuel Miranda* (*rapper*, dramaturgo, ator, produtor, letrista). Mesmo sendo uma expressão de arte urbana ganhou elevada notoriedade na *Brodway*.

A obra *Hamilton: An American Musical*²⁵, subverte através da escolha do elenco (multirracial) e trilha sonora), onde majoritariamente através do *storytelling rap* (afrente será explicado sobre este estilo) narra uma versão distinta e contestadora da história de um dos “pais fundadores” dos EUA *Alexander Hamilton*. Segundo Espetáculos (2020) logo na abertura do musical o personagem do vice-presidente *Aaron Burr* acerca de Hamilton numa fala diz: “Como um bastardo, órfão, filho de uma vadia, escocês, criado na miséria, em uma ilha do Caribe esquecida pela Providência, cresceu para se tornar um herói e um estudioso?” Musical Rap reconhecido por críticos de arte, literatura e jornalismo contendo várias etnias no elenco. Ainda segundo Espetáculos (2020):

²³ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=COdQtRazBCw&t=37s>> Acesso em 15 de set. de 2022 trabalho da faculdade intitulado: Multiculturalismo no RAP - ESPECIAL #1 publicado no canal: Milésima Arte Canal

²⁴ Confira a competente e linda adaptação brasileira da abertura do musical produzida, dirigida e estrelada por estudantes e professores da *Kaen Escola de Artes* em parceria com a produtora *Sonho Possível* com apoio do *Teatro Luz & Cena* disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3jvJEp_7Ks> Acesso em 14 de jul. de 2022

²⁵ Para saber mais sobre o musical Hip-Hop *Hamilton* confira a crítica de cinema realizada publicada no canal PH Santos disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VbcoHjjbXJ0>> Acesso em 14 de jul. de 2022

É uma pergunta que ronda os corredores do setor teatral há mais de cinco anos. Do elenco multirracial às canções de hip-hop, R&B e até baladas pop, qual é o apelo de *Hamilton*? O que pode explicar uma bilheteria de US\$ 650 milhões, o segundo lugar do álbum na Billboard 200, 11 prêmios Tony (o Oscar do teatro americano), o Grammy de Melhor Álbum de Teatro Musical e o prêmio Pulitzer? [...] *A disparidade mais gritante no caso do próprio espetáculo, é claro, é o fato de que todos esses personagens, que eram na verdade homens brancos, são interpretados por latinos, negros e descendentes de asiáticos. O próprio Miranda é Hamilton, Leslie Odom Jr. interpreta Aaron Burr, Phillipa Soo faz papel de Eliza Hamilton, Renée Elise Goldsberry é Angelica Schuyler, Daveed Diggs interpreta o Marquês de Lafayette e Thomas Jefferson, e Christopher Jackson faz papel de George Washington* (ESPETÁCULOS, 2020, n.p., grifo nosso)

Sendo assim, este material poderia ajudar a romper paradigmas artísticos hegemônicos e a mudar uma eventual visão pejorativa da pedagogia com rap. Aquelas etnias que constituíam o início do Hip-Hop no sul do Bronx, tiveram que alinhar seus objetivos e “diferenças” para um objetivo humano comum, que era o de retirar suas respectivas comunidades daquela situação calamitosa ao qual estavam sendo obrigados a viver. Evidenciando que eles apesar de terem distintas origens étnicas/culturais estavam na mesma situação opressora de violência social e negação de serviços públicos por conta do Estado. Neste sentido, uma escola pública brasileira também possui muitos estudantes em condição opressora e de vulnerabilidade social com distintas origens étnicas, todos reféns do sucateamento e estigmas socio educativos dentro do processo de ensino aprendizagem em maior ou menor grau. Algo similar mas não na mesma intensidade é claro acontece no Brasil no contexto de periferia, onde não existem somente pessoas negras e pardas, mas, toda uma mistura de pessoas sofrendo juntas, reféns da situação de negligência/privação em termos de serviços públicos sobretudo na educação, que em contexto de periferia e grupos vulneráveis é uma problemática em intensidades diferentes, mas para todos seus habitantes.

Os educadores que escolherem a pedagogia com *rap* visando uma proposta mais horizontal, poderão explicar sobre o multiculturalismo étnico racial das pessoas que iniciaram a cultura Hip-Hop em Nova York, que são por natureza de várias culturas e etnias. Ao meu ver esta é uma das grandezas desse movimento de constituição humana multiétnica e multicultural. O movimento Hip-Hop se tornou uma cultura universal e de proporções globais justamente por ser composto por uma grande variedade de indivíduos aceitando-os do jeito que são, com suas diversas expressões culturais e contextos epistemológicos. Podemos dizer que este movimento se tornou uma grande família de origens e culturas distintas constituindo uma certa unidade cultural/social por conta dos elementos norteadores do movimento Hip-Hop tais como: Paz, Unidade, Amor e Diversão, lema da *Universal Zulu Nation*.

Nesta sentido, o suporte dos arte-educadores do Hip-Hop que ministram oficinas nas comunidades que estão em contato direto com cultura/movimento, poderá ajudar bastante dando minicursos e curadoria para os educadores, de modo auxiliar na aplicação da pedagogia com *rap*, este suporte se torna uma alternativa relevante, sobretudo para os professores que ainda não tenham tanto contato ou referências sobre o aspecto socio cultural do movimento Hip-Hop, assim os intelectuais orgânicos do movimento poderão ajudar. Nesta direção Cristiane Correia Dias (2019) dirá:

Convidei alguns protagonistas sociais, ativistas e arte-educadores do Hip-Hop: Carlostep (breaking e graffiti) e B-boy Leo (breaking), Rodstyle (breaking e danças urbanas), Bboy Banks (Conhecimento) e King Nino Brown (Conhecimento), Gaspar Z'Áfrika Brasil e Lindemberg (MCs), Dani (DJ). *Essa equipe, passou a dar formação à coordenação pedagógica e professores da escola, chegando a atuar com algumas classes. Assim, cada elemento era distribuído por disciplina, dei formações aos professores e arte-educadores em grupo e individualmente. Algumas aulas iniciaram, porém devido à falta de financiamento, greves e rearranjos na escola ficou inviável, prosseguirmos.* (DIAS, 2019, p.68, grifo nosso)

Diante disso, podemos refletir também sobre a imprescindível participação e investimento efetivo do Estado, para que os agentes educacionais possam ter uma formação continuada específica contanto também com o suporte direto da experiência *in locu* dos arte-educadores públicos da cultura/movimento Hip-Hop, para que a pedagogia com *rap* seja mais ampla, efetiva junto aos preceitos da EBHH. Para tanto, tais intelectuais orgânicos como estes arte educadores deveriam ser ressignificados e revalorizados neste processo, ministrando minicursos e/ou apresentando referências para que junto aos educadores, possam tocar as mentes e corações dos estudantes em suas realidades. Para que o ensino produza mais sentido/significado para eles, para que desta maneira os educadores expandam seus saberes para além dos saberes puramente técnicos/didáticos/curriculares e alcancem como resultado pedagógico, maior engajamento dos estudantes em seus próprios letramentos.

Atualmente alguns *raps* lamentavelmente tem sido veículos de mensagens, que nada tem a ver com sua essência conscientizadora e social, muitas músicas de *rap* nos dias atuais foram apropriadas por grandes corporações transformando o *rap* apenas em um produto para ser comercializado, recrutando cantores que não possuem ligação nenhuma com o código sociopolítico da cultura/movimento. Esta condição comercial da música *rap* acaba por fazer o contrário de sua própria proposta, transmitindo mensagens sobre o “valor” das aparências desconsiderando o principal princípio desta cultura, que é o de promover um “resgate social” as pessoas por meio das mensagens conscientizadoras/emancipadoras transmitidas por seus elementos artísticos. O capitalismo neste contexto visual e “estético”, realiza um completo desserviço transformando a musicalidade *rap* em mensagens superficiais que valorizam o materialismo, a hipersexualização e a egolatria.

Portanto, a pedagogia com *rap* como um recurso metodológico sem o suporte de consultoria e apoio didático de atores dentro do movimento social/cultural colocando à disposição produções de saberes junto aos educadores nas escolas, poderá a ficar apenas a nível “estético”/musical. Podendo até perder sua potencialidade epistemológica crítica e emancipadora se distanciando da “linguagem das ruas”. Isto poderá transmitir mensagens que poderão confundir ao invés conscientizar os estudantes cujo o rap seja parte de seu cotidiano e, pode ser que não produza o efeito pedagógico conscientizador desejado, para que a pedagogia Hip-Hop/EBHH seja uma ferramenta epistemológica crítica e não apenas um recurso “estético” para atrair a atenção de apenas uma parcela estudantes.

Neste sentido, uma alternativa relevante para que este processo possa operar de maneira mais fluida, seria um tripé, onde estejam presentes *o apoio do Estado para que os docentes tenham uma formação continuada que contemple esta proposta pedagógica, o suporte dos arte-educadores que estejam ativos na cultura/movimento Hip-Hop fornecendo informações socioculturais da cultura (sobretudo nas comunidades próximas a suas escolas) e a iniciativa e experiência pedagógica do corpo educacional para investigar/aplicar esta proposta e estarem abertos a conhecer as inclinações epistemológicas e socioculturais de seus alunos*, nos locais onde a cultura Hip-Hop seja substancialmente relevante dentro realidade cotidiana de tais alunos. Um adendo diante disso segundo Hill (2014) *apud* Dias (2019) seria que:

Os alunos [...] esperavam que realmente se falasse do Hip-Hop real. Eles achavam que, para ter autoridade no Hip-Hop, era preciso ser da cultura, e, apenas os MCs podiam falar sobre as suas realidades. Era preciso atenção do autor para adotar às letras que os representassem, talvez, *faltou-lhe sentar com os alunos para pensarem juntos o plano de ensino e também fazer uma pesquisa conjunta dos seus gostos musicais para saber quais músicas gostariam de ouvir em sala de aula.* (HILL, 2014 *apud* DIAS, 2019, p.172, grifo nosso)

Não se pode subestimar o capital cultural do estudantes e também dos arte-educadores do Hip-Hop, pois, são muito relevantes para uma ação conjunta e representativa, segundo Diaz (2015, p.171) *apud* Dias (2019, p.166): “O valor educacional inerente ao hip-hop deriva de sua autoconsciência, determinação e expressão. A verdadeira educação do hip-hop é fundada na pedagogia hip-hop que procura processos de aprendizados alternativos e múltiplas teorias e práxis de ensino aprendido.” Portanto, podemos perceber uma certa necessidade de um vínculo afetivo/intelectivo/logístico entre todos agentes educadores envolvidos neste processo e os educandos, para uma educação centrada nas necessidades contingentes de seus alunos. Portanto, Ohara de Souza Coca (2018) chama atenção para com:

[...] *o aprofundamento de reflexões sobre a relação professor-aluno e a importância de desenvolver o vínculo afetivo.* [...] a importância do (a) professor(a) conseguir reconhecer a

necessidade dos alunos e de se adaptar da melhor maneira às necessidades dos alunos, criando condições para desenvolver a capacidade criativa dos jovens, além de propiciar um espaço de troca de experiências, comunicação e convivência. (COCA, 2018, p. 283, grifo nosso)

O corpo educacional deve estar atento as necessidades intelectivas/afetivas/psicológicas de seus alunos, como por ventura o exemplo “clássico” no Brasil da insuficiência nas habilidades básicas de leitura/escrita e interpretação de texto. Ressalto que para tanto, é urgente um suporte adequado do Estado junto as entidades educacionais para sanar estas problemáticas tão recorrentes nas escolas públicas através de políticas públicas acerca destes entraves. Deste modo, a solução não deve vir “de cima para baixo” não responsabilizando os educadores e educandos pela ineficiência/negligencia do Estado para com o a educação pública. Necessitamos de programas de incentivo junto ao Estado, para que esta proposta seja efetivamente inclusiva e formadora de cidadãos autônomos/críticos que possam contribuir por meio de suas subjetividades socioculturais, para uma sociedade intelectualmente mais ativa e consciente de suas obrigações/deveres sociais comunitários. Nesta direção, em sua pesquisa sobre a pedagogia com *rap* e seus desafios segundo nos alerta a professora Fernandes (2014):

É preciso observar que o descaso em relação à alfabetização no Brasil *tinha um sentido essencialmente político, uma vez que era interessante para a elite brasileira manter boa parte da população distante das decisões do governo*. Embora o analfabetismo tenha se tornado vergonhoso, responsabilizava-se o próprio analfabeto por sua condição [...]. (FERNANDES, 2014, p. 25, grifo nosso)

A problemática do analfabetismo e/ou semianalfabetismo é sim um grande obstáculo para que a pedagogia com *rap* alcance resultados satisfatórios em termos de EBHH, sendo que é bastante trabalhado, aspectos das habilidades de leitura e escrita dos estudantes para executar uma análise nos discursos e literaturas contidas nas letras de *rap*. Diante disso, segundo Dias (2019):

Partindo do pressuposto de que, no Brasil, estamos diante de um ensino público precário e defasado, durante a realização dos projetos desenvolvidos, constatou-se que, em todas as nossas vivências, havia professores desmotivados e alunos sendo considerados – um problema. *A questão que levantávamos era: problema para quem? Pois eram alunos saindo do ensino fundamental II com dificuldades na escrita e na leitura. Embora a educação seja um dever do Estado, a falta de estrutura e de investimentos são fatores que contribuem para o declínio do ensino público no Brasil*. (DIAS, 2019, p. 31, grifo nosso)

Adiante veremos alguns exemplos no que tange a *pedagogia com rap e as TICs*. Nesta direção, um exemplo de material sobre *rap indígena tupiniquim* que poderia ser usado como recurso didático, para ilustrar/elucidar temáticas indígenas, bem como problemáticas enfrentadas pelos povos originários no Brasil da atualidade. Um exemplo de *rap* na comunidade dos povos originários, é uma

composição do *rapper* Owerá que teve a participação do *rapper* Criolo na faixa “Demarcação Já²⁶”, uma canção que anuncia e denuncia sobre a situação urgente acerca das demarcações de terras legitimamente pertencentes aos povos originários do Brasil. Segundo Augusto Diniz (2021):

Owerá ficou conhecido ao estender a faixa “Demarcação Já”, quebrando o protocolo ao participar no meio do campo da cerimônia da abertura da Copa do Mundo 2014, no Brasil. Já naquela época, com 13 anos, ele se engajava em causas de defesa dos indígenas. Quatro anos depois, passou a lançar registros musicais. *A forma de expressão foi o rap, gênero marcado por apresentar questões relacionadas ao universo dos oprimidos, como o seu.* Antes chamado de Kunumí MC, Owerá, hoje com 20 anos, é da etnia Mbyá-Guarani e vive na aldeia Krukutu, no extremo da zona sul de São Paulo. Teve contato com o rap aos 9 anos, por meio de seu irmão. Suas composições comumente chamam a atenção para a necessidade de demarcar e proteger as terras indígenas. (DINIZ, 2021, grifo nosso)

Temos outro exemplo de *rap* acerca da episteme indígena intitulado: “A Lua de Fogo - *Jasy Tata*²⁷” que trata da cosmovisão indígena, acerca de questões místicas e espirituais, que na bela voz da *rapper* guarani kaiowa “Anarandá”, conferindo também representatividade as mulheres MCs indígenas. Este *rap guarani* vai tratar sobre chamadas “forças da natureza”, que na visão dos povos originários de sua comunidade, seriam entidades que os auxiliam em sua jornada existencial espiritual, este material poderia ser um gancho para fazer pontes didáticas para temas acerca da visão de mundo desses povos, cumprindo em parte com as diretrizes da Lei 11.645/08.

Outro exemplo de *rap* denunciativo seria com a *rapper* afro caribenha da República Dominicana Arianna Puello (indicada duas vezes ao prêmio da música *Grammy Latino*) que nos alerta em sua música intitulada “*Arriba Los Buscavidas*²⁸”, sobre este ciclo vicioso da “escravidão moderna” da eterna jornada de trabalho sem lazer intensa, ao qual nós latino-americanos e caribenhos somos submetidos para muitas vezes não questionar este sistema perverso e adormecedor. A artista indígena em seu *rap* tece questionamentos/críticas altamente pertinentes para com este ciclo terrível e dominante do capitalismo em solo latino-americano/caribenho.

Também em solo latino-americano em Santiago (Chile), temos o alerta/denúncia do estilo de *rap* combativo ecológico/espiritual dos chilenos *Hijos de las Hojas*²⁹. Onde através de um criativo

²⁶ Confira o videoclipe da música “Demarcação Já” no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6yIpJtfNVeg>. Acesso em: 18 de jun de 2022

²⁷ Confira o videoclipe da música “A Lua de Fogo - *Jasy Tata*” publicado pelo canal Anarandá Guarani Kaiowa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IACuokIMx5o>. Acesso em: 18 de jun de 2022

²⁸ Confira o vídeo musical com letra da rapper afro caribenha Arianna Puello publicada pelo canal R.Jafet disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bt3CN7IfF54> Acesso em 14 de jul. de 2022

²⁹ O grupo musical tem sua origem em Santiago no Chile. O objetivo do grupo é promover a conscientização ambiental e conhecer as 'raízes' dos povos indígenas da região (América Latina) com diversas canções que muitas vezes tratam de seus temas em um estilo espiritual. Quando a banda foi formada, começaram a gravar seu primeiro álbum enquanto faziam

“exercício epistêmico imaginativo” de estar na posição de uma abelha, no rap “*Lo que callan las Abejas*³⁰” fazem alertas graves sobre grandes multinacionais que por meio da modificação genética de sementes estão “indiretamente” comprometendo o processo de polinização das abelhas, elemento essencial para o equilíbrio da biodiversidade, causando uma “biocrise” de proporções globais. Outro material paradidático, que poderia ser usado na pedagogia com *rap* nos dando certa empatia, sobre educação ambiental e consciência ecológica global.

Para combater a homofobia e representar legitimamente a comunidade LGBTQIA+, temos Triz com seu “*Queer Rap*” provocativo e conscientizador “Elevação Mental³¹”, que é um choque de consciência para os *preconceituosos homofóbicos que se dizem “normais”*. Com uma produção de videoclipe que mais parece um curta metragem junto a uma letra que provoca afetos e empatia, que ao mesmo tempo emociona os de coração aberto e, cutuca na ferida daqueles que ainda tenham esta postura de preconceito e até mesmo ódio contra outras formas de amar. Sua poesia combativa através do Rap com argumentos legítimos de alguém em seu lugar de fala, faz muitas pessoas (re)pensarem os padrões de moralidade impostos pela sociedade, fazendo-os sentirem e refletirem. É lamentável que no século XXI, ainda tenha pessoas com atitudes impositivas tão ignorantes e desumanas sob um falso conceito do que é ou não “normal”. Segundo Djenane Vieira Dos Santos Silva (2018, p.116): “Triz lançou um rap chamado Elevação Mental de denúncia e protesto contra discriminação das pessoas que não se enquadram aos padrões normativos da sociedade.”

Por um outro lado, também temos o exemplo de “*rap* didático histórico” no que toca a temática da historiografia da população afro brasileira, a clássica música da cultura Hip-Hop nacional “Afro-Brasileiro³²”, dos pioneiros artistas/ativistas do *rap* brasileiro. A dupla Thaíde e DJ Hum, com esta canção revisionista, versa sobre questões sócio históricas acerca do ícone e líder Zumbi dos Palmares, bem como a diáspora afro brasileira de representatividade renegada na época de sua composição e ainda nos dias atuais. Não obstante, de acordo com a matéria sobre o álbum “Preste Atenção” da dupla do site Raplogia Redação (2015):

duas turnês internacionais de onde saíram para Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil em 2011. Fonte Wikipedia. Acesso em 14 de jul. a partir de 2022 (tradução nossa)

³⁰ Confira o vídeo musical legendado em português do rap “*Lo que callan las Abejas*” publicada pelo canal *Hijos de las Hojas* disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JEkp-rBRKBM>> Acesso em 14 de jul. de 2022

³¹ Confira do videoclipe do rap “Elevação Mental” de Triz disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=npGrq2IFmls>> Acesso em 14 de jul. de 2022.

³² Confira o videoclipe da música “Afro-Brasileiro (Ao Vivo - Show YO! MTV 300 Anos De Zumbi dos Palmares)”, publicado pelo canal Clássicos Do Rap Nacional, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=34SoYz42WQs>. Acesso em: 18 de jun de 2022

Afro-Brasileiro resalta o valor do homem negro, também fala sobre a batalha do cotidiano que não é nada fácil de vencer, além disso, Thaíde ainda rima sobre seus ancestrais, especificamente Zumbi dos Palmares e sua história de lutas. A música é uma ode ao Zumbi, mostrando que seu espírito guerreiro ainda vive em cada um dos afro-brasileiros (REDAÇÃO, 2015, n.p., grifo nosso).

Seguindo na linha historiográfica de povos ancestrais africanos, temos um exemplo relevante em termos de pedagogia Hip-Hop publicado no canal digital ENEM Musical, do pedagógico e acessível “Projeto Aprenda com Música”. Este exemplo seria um vislumbre do que poderia ser feito por meio da *pedagogia com rap aliada a Tecnologia da Informação e Comunicação*. Este rap vai tratar brevemente sobre história/mitologia ancestral dos antigos egípcios na música “*Rap Antigo Egito*”³³ através da egiptologia transliterada no *rap* do MC Nemesis NKS. Uma alternativa que está chamando atenção pelos olhos, ouvidos e mentes de futuros candidatos/estudantes deste importante exame nacional educacional, uma opção diferente, mas, atraente de fonte de informação histórica.

Outro exemplo importante de material de apoio, seria um *rap* que vai tratar sobre as lutas das mulheres negras no Brasil nas rimas da *rapper* Cris SNJ com a participação de Rose MC e Srta. Paola. Nesta canção de nome “*Biografia Feminina*”³⁴ podemos ver uma demonstração, de como a arte e a técnica presentes em uma canção *rap* via mídia audiovisual, pode construir tecnologias didáticas emancipadoras para uma epistemologia representativa e contestadora. Para talvez, servir de material paradidático em uma aula sobre esta problemática ainda recorrente no Brasil do século XXI, que é o racismo e preconceito contra a mulher negra brasileira, que pode chegar a sofrer quatro vezes, por ser negra, mulher, pobre e/ou lésbica. No alerta da MC, observamos uma provocação em sua poesia de protesto que busca reivindicação pelos direitos e respeito, postura típica do *jeito rapper de ser*, ressaltando a urgência de que esta grandiosa parcela da população brasileira seja representada em seus direitos de ser e estar. A MC Cris SNJ, é um referencial importante para muitas jovens brasileiras sobretudo negras e/ou das periferias.

O *rap* dela tem esta capacidade por exemplo, de chegar onde muitas vezes livros das filósofas

³³Confira o videoclipe da música “*Rap Antigo Egito*” no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jteGdmTLts&list=TLPQMTgwNjIwMjJq7nzMmeIZQ&index=8> Acesso em: 18 de jun de 2022. Descrição do canal: “Músicas com o intuito de levar o conhecimento necessário para melhorar seu desempenho em concursos, provas escolares e vestibulares.”

³⁴Confira o videoclipe da música “*Biografia Feminina*” no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5a5n9FIIXM> Acesso em: 18 de jun 2022.

Lélia Gonzales³⁵ e Angela Davis³⁶ com intensões similares de protesto, não chegaria. Muitas vezes, nem mesmo o conhecimento da existência de tais pensadoras tão importantes para a luta das mulheres negras chega nos guetos, que acredito que ser parte dos anseios de Lélia e Davis. Deixando as jovens negras sem acesso ao conhecimento de boas referências. Isso, ocorre pelo desfalque na divulgação de personalidades e referências de luta desta parcela historicamente prejudicada e maltratada por esta lógica racista/machista, denunciada na letra desta música de protesto, mas também de esperança. Diante disso eu me pergunto: será que neste sentido o *rap* da representativa Cris SNJ com tais temáticas seria menos importante que as obras de Lélia Gonzales e Angela Davis?

Um exemplo de uma letra de *rap* com potencial crítico tão pertinente quanto um livro de sociologia, é a criativa, crítica e denunciativa letra do *rapper* brasileiro GOG, intitulada: “Brasil com P³⁷”, escrita somente com palavras começadas com a letra “P”, que poderia servir de material de apoio em aula trabalhada com pedagogia Hip-Hop, acerca das mazelas sofridas pelo povo brasileiro, a seguir um fragmento da letra:

Pesquisa publicada prova:
 Preferencialmente preto, pobre, prostituta
 Pra polícia prender
 Pare, pense, porque?
 Prossigo,
 Pelas periferias praticam perversidades: PMs!
 Pelos palanques políticos prometem, prometem,
 Pura palhaçada. Proveito próprio?
 Praias, programas, piscinas, palmas...
 Pra periferia? Pânico, pólvora, pápápá!
 Primeira página.
 Preço pago?
 Pescoço, peito, pulmões perfurados.
 Parece pouco?
 Pedro Paulo,
 Profissão: pedreiro,
 Passa-tempo predileto: pandeiro,
 Preso portanto pó, Passou pelos piores pesadelos.
 Presídios, porões, problemas pessoais, psicológicos...
 Perdeu parceiros, passado, presente,
 País, parentes, principais pertences.

³⁵ Para saber brevemente sobre a ativista e filósofa afro brasileira Lélia Gonzales confira a vídeo resenha publicada pelo canal do Youtube *Casa do Saber* que está disponível no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc> > acesso em: 29 de ago. de 2022 e veja também a minibiografia publicada pelo canal Cultne disponível no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=WxB3SVZ2tzk> >

³⁶ Para saber um pouco sobre a filósofa e ativista Angela Davis confira a minibiografia publicada pelo canal do youtube *Meteoro Brasil* que está disponível no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=pVsV-ptUAw4> > acesso em: 09 de julho de 22.

³⁷ Confira a letra e a música na íntegra disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/gog/brasil-com-p.html> > Acesso em 22 de jun. de 2022

PC: político privilegiado
 Preso, parecia piada.
 Pagou propina pro plantão policial,
 Passou pela porta principal.
 Posso parecer psicopata,
 Pivô pra perseguição,
 Prevejo populares portando pistolas,
 Pronunciando palavrões,
 Promotores públicos pedindo prisões...
 Pecado, pena,
 Prisão perpétua!

É muito visível o comprometimento com as questões sociopolíticas nacionais nesta elaborada letra de do MC GOG, dando total sentido a frase do *rapper* Sabotage (2000) que virou uma máxima dentre os MCs brasileiros que diz que: “O *Rap* é compromisso não é viagem”. Como podemos notar neste exemplo da letra “Brasil com P”, temos em mãos recursos semânticos, lexicais e discursivos socioeducativos pertinentes para esta proposta de conscientização social da pedagógica com *rap*. Como por exemplo, em uma possível aplicação pedagógica da análise de discurso em uma letra de *rap*. Um material bastante didático e popular, para sala de aula dos jovens brasileiros, que viabiliza alcançar os grupos mais vulneráveis e afetados nestes processos de negligência e descaso com a população brasileira por parte de autoridades políticas. Proporcionando reflexões para aqueles que necessitam urgente de conscientização acerca das problemáticas políticas da realidade que o cercam. Pois, grande maioria da população marginalizada não desfruta do acesso privilegiado às informações e, não tem acesso do imprescindível legado de líderes do calibre de Lélia Gonzales e Angela Davis.

Diante disso, temos o potencial de diversos recursos como vimos apresentados até agora, porém, o que mais vemos é a lei 11.645/08 ficando no plano passivo-simbólico, dando mais força ao processo de eurocentrismo³⁸, sendo que até mesmo na “mãe” das disciplinas humanas, como alertou o filósofo Renato Nogueira, que segundo alguns educadores da pesquisa, não foi viabilizado condições necessárias para um amplo letramento (formação continuada) para o êxito almejado e necessário para aplicação de uma lei de inclusão social para estes povos mais prejudicados historicamente. Por isso a manutenção da execução adequada de tal lei, deve contar com um suporte de quem está na vanguarda da conscientização e luta por estes direitos específicos, bem como de educadores comprometidos. Isto é, do apoio dos respectivos movimentos sociais e educacionais de luta e conscientização, mas, também deve contar com um apoio governamental que contemple suas necessidades

³⁸ O eurocentrismo é um processo ideológico presente no mundo moderno que coloca o conceito da racionalidade e cultura europeia no centro como modelo universal em detrimento da concepção de outros povos e nações, que ficam na marginalidade da história geopolítica do pensamento, alguns autores como Enrique Dussel (2005), Edgardo Lander (2005) e Aníbal Quijano (2005) vão trabalhar sobre este conceito.

logísticas/educacionais e também financeiras. Neste sentido, a pedagogia com rap poderá ajudar.

Precisamos de uma epistemologia transdisciplinar, multicultural, atualizada visando o alcance de diversos tipos de pessoas, não necessitamos de uma educação antiquada e ultra tradicionalista que coloque povos e nações que não sejam “europeizados”, na marginalidade geopolítica do pensamento e da história aceita como oficial, sobretudo na área educacional. Diante disso, de acordo com Edgardo Lander (2005, p. 28), “O eurocentrismo da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como centro”.

Assim sendo, o ideal seria a história do povo negro e indígena ser contada/representada por pessoas (educadores e ativistas) que estão diretamente ligadas aos respectivos movimentos de luta, movimentos de resistência em atividade, estudando/pesquisando e (re)educando pela verdadeira emancipação cidadã e conscientização histórica dessas etnias e de seus descendentes. Para que não somente seja descrito um lado da história, mas, que neste caso tenhamos uma proposta educacional que aborde todos os aspectos possíveis das histórias africana e indígena bem como suas diásporas e, outros grupos vulnerabilizados. Principalmente dentro dos espaços educacionais que foram (e ainda são) historicamente sucateados (instrumentalizados para manutenção da ignorância do povo e consequentemente do poder) pelo Estado, como bem sabemos.

É de suma relevância para o desenvolvimento satisfatório e representativo de identidade/personalidade que no período de educação básica, os estudantes em questão também possuam contato com aspectos positivos de figuras importantes e de sucesso, dentro da história negra e indígena brasileira e mundial. Lembrando que não são somente coisas negativas no dia a dia desses estudantes das periferias fora das salas de aula. Segundo Mayara dos Santos (2018, p. 133), “a produção textual dentro do *rap* refletem não somente a realidade social vulnerável dos jovens periféricos, não se trata somente de seus problemas”. Assim vemos que existe uma gama de temas na *literatura rap*, não se trata só de temas densos e tensos, o *rap* compreende diversos assuntos, possuindo também assuntos alegres, festivos inclusive românticos.

Todavia, precisamos de um processo educativo comprometido e consciente, que atualize as informações e valorize a história de superação e de luta de todos povos brasileiros que foram e ainda são invisibilizados, para que os estudantes sobretudo os mais vulneráveis possam ter representatividade e boas referências literárias. De modo a poder construir um senso de identidade mais fiel as suas ancestralidades e/ou próprias origens, historicamente obscurecidas ou até mesmo

distorcidas. Podendo transcender a desinformação que os mantem distraídos dos propósitos, de governantes mal-intencionados que desejam com isso se manter nos cargos de poder cheios de privilégios. É neste aspecto que a lei 10.639/03 agora 11.645/08, poderá dar proteção legal e suporte jurídico para que a proposta da *pedagogia com rap* seja amparada e possa dar bons resultados. Podendo superar eventuais excessos de tradicionalismo acadêmico/escolar de algumas instituições educacionais brasileiras, podendo atuar não somente como material de apoio. A pedagogia com *rap* possui uma viabilidade mais acessível para a juventude da era digital, funcionando bem pelas vias tecnológicas da informação e comunicação, são relativamente de mais fácil acesso, para quem por exemplo não tem dinheiro para comprar um livro, entretanto, existe a problemática da exclusão digital que não tratarei por hora.

Para o presente trabalho, nestas investigações em busca por informações relevantes, me deparei com uma pesquisa que pode não ser acadêmica, mas, mesmo assim muito bem confeccionada. Estou me referindo a uma pesquisa em formato apostila sobre o início do Hip-Hop e, suas causalidades na construção da cultura. Uma apostila confeccionada por uma equipe bastante qualificada na área de estudos e pesquisas sobre a cultura Hip-Hop, pesquisa conduzida pelo arte-educador, escritor de literatura de rua, grafiteiro, *rapper* e ativista MC Monge ou “*Griot*”³⁹ Urbano”. De acordo com suas investigações como membro e estudioso do movimento Hip-Hop, ele assinala nesta apostila intitulada “Introdução do Hip-Hop”⁴⁰ que:

Cientes que a linguagem formal não consegue expressar tudo que nós Hip Hoppers pensamos e sentimos sobre o mundo e a vida, desenvolvemos uma linguagem própria. A Linguagem de Rua é a forma como nos comunicamos por palavras, gestos e códigos gerando melhor expressão e compreensão, principalmente entre as pessoas do Hip Hop. Gírias, expressões, Raps e outras formas de linguagem tornam possível a manutenção de códigos internos e visões coletivas no Hip Hop, preservando nossas raízes, e tornando possível a criação de planos enquanto movimento cultural. (URBANO, 2017, p. 12, grifo nosso)

Ativo no movimento desde o ano 2000, MC Monge também foi um dos responsáveis pela criação da famosa *batalha do conhecimento* (exercício retórico que exige muito estudo e prática) do Rio de Janeiro em 2005 junto com o carioca MC Marechal. Diante disso segundo Damasceno (2021):

Estamos no Rio de Janeiro, faz calor, o ano é 2005. Os elementos não são caros ou raros: 40 segundos, dois MC' s, uma batida, um microfone, um quadro com algumas palavras e um público majoritariamente jovem. Parece pouco, mas foi o necessário para construir um dos

³⁹ São os anciões africanos que por intermédio da oralidade, tem sido ao longo das eras os mensageiros centrais que mantem a cultura e memória ancestral africana, através de contos narrados por estes anciões os mais jovens aprendem sobre as tradições espirituais, as lendas e mitos, e sobre a cultura e pensamento advindo de África.

⁴⁰ Para saber mais, confira a palestra na íntegra e o link ativado para download da apostila na descrição do canal: Griot Urbano disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=N3_9YxldGWI Acesso em 20 de jun 2022.

movimentos culturais mais importantes da cena do rap nacional. Através da idealização da Batalha do Conhecimento (BDC), o lendário MC Marechal, 39, provou que *não é só nas escolas que saberes são produzidos e que o rap é capaz de colocar milhares de pessoas dentro de um museu.* (DAMASCENO, 2021, n.p., grifo nosso)

Conhecidas na cultura Hip-Hop como *Street Knowledge* ou *Sabedoria das Ruas*, estes saberes são uma coleção de informações e conhecimentos autodidatas, das pessoas que vivem nas margens dos meios urbanos das grandes metrópoles, estes conhecimentos são o suporte que encontraram para se comunicarem entre si e sobreviver nestes locais “esquecidos” pelo Estado. São saberes acerca dos códigos comportamentais dos guetos, máximas populares e táticas de sobrevivência. Tais saberes majoritariamente ainda não são validados por grande parte das universidades. São conhecimentos que estão em atividade nos locais onde é tão necessário a presença de investigações socio educativas, mesmo sem possuir muito suporte pedagógico, essas sabedorias ainda assim são capazes de serem reformuladas e articular muita gente dentro de um contexto organizado e eficaz de estudos socio políticos e, de sobrevivência nos guetos e nas ruas (MONGE, 2017).

Diante destas reflexões acima, vemos algo similar a este fenómeno urbano popular, presente no *paper* dos acadêmicos estadunidenses Duncan-Andrade e Ernest Morrell intitulado “*Using Hip-Hop Culture as a Bridge to Canonical Poetry Texts in an Urban Secondary English Class*”⁴¹, acerca da viabilidade dos textos de *rap* serem usados como um tipo de “ponte literária” em sala de aula, para que os jovens estudantes das periferias estadunidenses possam ter acesso a textos canônicos. Todavia, este conceito serve também para outras periferias ao redor do mundo, pois como diz a música dos Racionais MCs, “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”. O Dr. Jeff Duncan-Andrade é professor associado de Estudos Latinos, Raça e Resistência na *San Francisco State University*, dentre suas obras acerca da pedagogia inclusiva temos “*What a Coach Can Teach a Teacher: Lessons Urban*”.

Seu parceiro de investigações, o também professor universitário Ernest Morrell é membro do corpo docente dos Departamentos de Inglês e de Estudos Africanos, diretor do Centro de Educação para Alfabetização da Universidade de Notre Dame, diretor do Conselho Nacional de Professores de Inglês, reitor associado de Humanidades e Equidade na Faculdade de Artes e Letras. Suas áreas de investigação além da EBHH/Pedagogia Hip-Hop, estão nos estudos/pesquisas de alfabetização, educação inglesa, pedagogia crítica, estudos pós-coloniais e estudos culturais da diáspora. Segundo uma discussão contida num texto que produziram juntos, estes dois autores vão nos dizer que:

⁴¹ Para saber mais confira o texto “*Using Hip-Hop Culture as a Bridge to Canonical Poetry Texts in an Urban Secondary English Class*” ou em português: “*Usando a Cultura Hip-Hop como uma Ponte para Textos de Canônicos de Poesia em uma Aula de Inglês da Escola Secundária Urbana*” (tradução nossa) na íntegra. O link para fazer download deste paper está disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED442893>. Acesso em 20 de Jun. 2022.

"Hip-Hop Music: The Urban Youth's Voice of Resistance" (Música Hip-Hop: A Voz da Resistência da Juventude Urbana) argumenta que a música rap e a cultura jovem urbana estão intimamente alinhadas. Por mais de duas décadas, muitos dos rappers mais famosos se declararam ou se declararam porta-vozes da juventude urbana e dos dilemas que enfrentam nesta situação. *Esta seção também discute a viabilidade literária de textos de rap, seu valor para um estudo acadêmico sério e sua capacidade de ser usado para estruturar conceitos literários complexos.* "The Poet in Society: An Intervention Model" (O Poeta na Sociedade: Um Modelo de Intervenção) aborda uma unidade de ensino médio que foi criada para incorporar elementos da cultura popular, bem como facilitar a compreensão crítica de textos literários canônicos. "A Unit Analysis" procura iniciar uma discussão sobre a eficácia da unidade, sugere possíveis estratégias para interagir com os dados e faz um brainstorming das implicações deste artigo para pesquisas futuras. (DUNCAN-ANDRADE; MORRELL, 2000, p. 3-4, tradução nossa, grifo nosso)

Segundo estudos contidos na obra "*The Art of Critical Pedagogy: possibilities for moving from theory to practice in urban schools*" (A Arte da Pedagogia Crítica: possibilidades de passagem da teoria à prática nas escolas urbanas) também dos respectivos autores, é urgente que os profissionais da área da educação busquem caminhos para apresentar os fundamentos da pedagogia crítica. Para estes autores, é fato que muitos destes profissionais da educação nos EUA que já são estudiosos nesta área, simplesmente se encontrem incapazes de tecer relações entre a parte teórica e a práxis pedagógica inclusiva/crítica. Comumente, a razão disso é uma certa dificuldade em entrar em sintonia com os corações e mentes dos estudantes, pelo simples fato de não estarem em contato direto com a vida dos alunos fora da escola, sem esse fator fundamental, fica praticamente inviável para estes educadores aplicar uma pedagogia crítica e inclusiva que alcance tais estudantes. (DUNCAN-ANDRADE; MORRELL, 2008, tradução nossa)

Contudo, isso reforça mais a necessidade de um suporte alternativo extra sala auxiliando os docentes interessados na inclusão social através do "rap pedagógico", para que eles não fiquem sozinhos nesta árdua tarefa. Uma alternativa seria auxílio de projetos sociais afins. Que por ventura estejam em atividade nas comunidades aos redores das escolas produzindo conhecimentos socioculturais que estejam de acordo com a realidade atual dos estudantes. Ademais, além dos professores e corpos docentes desanimados para com o sucateamento educacional, existem também alguns ambientes escolares conservadores e tradicionalistas que segundo Santos (2018):

Nesse contexto, o que ocorre é um constante desprezo da escola pelo conhecimento cotidiano e pelas culturas populares, fazendo com que muitos professores pressuponham a ideia de que partir de práticas cotidianas é uma forma de "esvaziamento de conteúdo". Desse modo, *os conteúdos curriculares são trabalhados de forma desconexa em relação ao cotidiano e realidade dos alunos*, fazendo com que muitos não tenham interesse por aprender. (SANTOS, 2018, p. 75, grifo nosso)

Algumas pessoas constroem estigmas acerca da música *rap* mesmo antes de conhecê-la em

suas nuances estético/políticas, muitos nem sabem que o *rap* e Hip-Hop não são exatamente a mesma coisa. Muitas vezes adquirem de terceiros conceitos pré-configurados, que dizem equivocadamente que o *rap* é música de vagabundo e desajustado, ou até mesmo que não é música de verdade. Ignorando toda uma diversidade cultural, estético-política e pedagógica que participantes do movimento possuem. Ressaltando que não são apenas coisas negativas acontecendo no dia a dia das periferias fora das salas de aula. Assim vemos que existe dentro do espectro da musicalidade *rap*, toda uma diversidade de *lyricistas* e temas nas letras de seus *raps*, alguns *raps* são até bem divertidos⁴². O lema do movimento Hip-Hop “Peace, Unity, Love and Having Fun⁴³” de maneira alegre virou música festiva com *James Brown*⁴⁴ junto com Afrika Bambaataa.

Esta nova epistemologia pedagógica que usa as letras de *rap* como material didático, poderá além de ensinar história dos povos afrodescendentes e dos povos originários referenciar outras obras literárias, até mesmo as obras filosóficas mais clássicas. Tendo o potencial de mudar a opinião daqueles que poderão duvidar de sua potencialidade intelectual, possuindo uma opinião isolada de que não possuímos efetivamente materiais didáticos de apoio abrangentes e relevantes para os jovens estudantes brasileiros poderem se interessar e se engajar intelectualmente.

O processo de racismo institucional, presente em inúmeras sociedades ao redor do mundo, no contexto educacional brasileiro é evidenciado pelo fato, de que nas instituições responsáveis pela educação, a grande maioria das pessoas que estão nos cargos influentes ou nas direções de órgãos educacionais não são mulheres, indígenas, pessoas pretas, pessoas pardas, ou LGBTQIA+. Muitas vezes os envolvidos nos processos de elaboração e ratificação das leis educacionais, não estão em contato direto com o processo de ensino aprendizagem das escolas, os educadores podem chegar a ser os últimos a serem consultados. Visivelmente notamos que o racismo institucional poderá obstruir direitos legítimos de indivíduos, invisibilizados em sala ou na sociedade em geral. Conforme explica Laura Cecilia López (2012):

O racismo institucional atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, provocando uma desigualdade na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial. (LÓPEZ, 2012, p. 12)

⁴² Confira o divertido rap: Nas Antigas - Minha Infância - Sombra e Bastardo (SNJ). Publicado pelo Canal jeann michel. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=cVFqt3A1OQc>. Acesso em: 23 de jun. de 2022.

⁴³ Confira o videoclipe deste tema musical de Afrika Bambaataa com a participação especial de James Brown disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16k-k29wA8Q> Acesso em 23 de jun. de 2022

⁴⁴ O Cantor James Brown é considerado por muitos no movimento Hip-Hop como o 1º *Rapper* e o 1º *B-boy*.

Em termos de comprometimento com uma educação crítica e horizontal, necessitamos cada vez mais que as escolas, estejam em contato direto com as pautas dos movimentos sociais de luta contra o racismo e preconceito, para que continuem explicar e dar suporte para os processos sociopolíticos regionais na conquista de seus direitos, bem como aplicação dos direitos já adquiridos por lei. Uma ação que o Estado deveria cumprir mais se “omite”. As prefeituras deveriam buscar realizar iniciativas educacionais tais como políticas públicas direcionadas, por meio de projetos sociais em parceria com as comunidades ou sindicatos de bairros vizinhos das escolas que possam prestar um auxílio ao processo de ensino público fora de sala, que poderá reverberar no processo dentro de sala. Uma ação conjunta neste sentido, poderá “aliviar o peso” daqueles docentes/discentes que na condição recorrente da precarização das escolas públicas careçam de ajuda.

Um de meus anseios com a presente pesquisa, é o de fazer uma provocação para nos fazer (re)pensar os currículos estudantis que por ventura possuam uma abordagem para os alunos que os inferioriza e os exclui da participação ativa. Um desserviço, por parte de currículos excludentes e por vezes de setores responsáveis pela educação do alto escalão do Estado, que repercute no lado mais frágil desta “equação” que são os docentes/discentes, que acaba por desencorajar professores e estudantes que são os que mais carecem de suporte para um efetivo e satisfatório processo de ensino aprendizagem nas escolas públicas. Segundo nos indica a professora Fernandes (2014):

O fracasso escolar provocado pelo próprio processo de escolarização fundamenta-se na precariedade da escola como instituição de ensino, envolvendo inúmeros fatores: *a discrepância entre as expectativas escolares de aprendizagem e a aprendizagem apresentada pelos alunos, conteúdos curriculares destituídos de sentido para o estudante, a distância entre a linguagem e cultura do aluno e a da escola, a progressão na escolaridade sem o domínio mínimo de habilidades de leitura e escrita, entre outras razões de exclusão, que culminam na evasão ou no atraso escolar do aluno, ou ainda em resultados insatisfatórios de aprendizagem.* (FERNANDES, 2014, p. 29, grifo nosso)

Um currículo engessado em moldes tradicionais educativos, que não se atualiza metodologicamente, nos tempos da era digital onde o acesso à informação é muito mais rápido e dinâmico, é uma demonstração evidente que não está adequado a juventude contemporânea. Este quadro fica ainda mais problemático, quando a população estudantil alvo das pesquisas em termos de analfabetismo nas escolas são pessoas afro-brasileiras e pessoas pardas. Conforme o que expõe Fernandes (2014):

Se for levada em conta a condição racial para a análise da questão da alfabetização no Brasil, os dados se alteram ainda mais negativamente, uma vez *que o maior percentual de analfabetismo no país, entre a população de 15 anos ou mais, segundo dados do IBGE (2007), encontra-se entre “pretos” e “pardos”, chegando a atingir, respectivamente, 23,1% (numa população total de 19,9%) e 21,7% (numa população total de 19,9%), na região*

nordeste do país. (FERNANDES, 2014, p. 31, grifo nosso)

De acordo com Ana Silvia Andreu da Fonseca (2011, p. 27), “Inserir o rap no currículo seria uma maneira de permitir que vozes dissidentes e contradiscursos tivessem sua entrada possibilitada [...]”. Com minha experiência no movimento Hip-Hop e na graduação em licenciatura em filosofia, sobretudo nos estágios, acredito que a produção de saberes dos arte-educadores numa ação conjunta com professores engajados na causa da pedagogia inclusiva, crítica e emancipadora, através da *pedagogia com rap*, por exemplo, possuem juntos um grande potencial de resgate. Similar ao que o movimento estético-político Hip-Hop pode fazer com pessoas que estão desacreditadas de si mesmas e sem esperanças de um futuro melhor. Ao meu ver, se realizado com o apoio de políticas públicas temos em mãos uma promissora alternativa para uma educação inclusiva para jovens que estão desistindo de estudar, sobretudo nas periferias. Conforme podemos ver na explicação de Hankin (2017):

O rap é um gênero híbrido que vincula poesia com música – como faz o repente, por exemplo – para empoderar o oprimido num discurso de libertação e conscientização. *Na retórica e no conteúdo das suas letras, na articulação delas com a música (ou “batida”) e no show, o rapper realiza uma performance de “pedagogia do oprimido” que harmoniza com o pensamento de Paulo Freire, sobretudo encontrado em seu livro do mesmo título.* (1968) (HANKIN, 2017, p.133, grifo nosso)

Diante disso, vemos que esta proposta da pedagogia através do *rap* dialoga com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, os autores Duncan-Andrade e Marc Lamont Hill se inspiraram na filosofia pedagógica de Freire para desenvolver suas teorias em EBHH. O processo de ensino aprendizagem da cultura e história de África e dos povos originários, realizado por educadores engajados para com o letramento de seus alunos, cumpre um papel importante não somente para estudantes negros, indígenas e outros grupos vulneráveis que foram e são historicamente prejudicados. Mas para os estudantes em geral, para que a “falta” destas informações e conteúdos pertinente aos temas, não produzam cidadãos ignorantes, indiferentes ou preconceituosos. Portanto Hanna Karoline Macedo De Lima (2016) nos aponta que:

Trazer para as aulas o conteúdo da História e da cultura Afro-Brasileira e Africana para escola é fazer *cumprir o grande objetivo proposta pela nova lei, que é fazer com que possamos refletir sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debates, estimular valores e comportamentos de respeito e solidariedade.* Para que esses objetivos se cumpram é necessário que exista uma educação voltada para diversidade cultural e as relações étnico-raciais nas escolas. (LIMA, 2016, p.15, grifo nosso)

Se formos repensar o processo de homologação desta lei, observamos primeiro que é uma conquista dos movimentos sociais de resistência e de luta afro-brasileira e indígenas (AMARAL,

et.al., 2018). Se fizermos uma análise mais profunda, *não deveria ser necessário ter uma lei para que as pessoas fossem obrigadas a ensinar em território nacional sobre os processos históricos de etnias tão numerosas e relevantes para história de seu próprio país*. Levando em consideração que isso envolve uma parte da população brasileira que juntas são a grande maioria em nosso país, que são as pessoas negras e pardas. O correto e sensato seria, as pessoas terem naturalmente esta consciência social sobre os direitos humanos de todas culturas e etnias habitantes que o cercam, bem como seus descendentes. A necessidade/obrigatoriedade específica de existir tal lei nos indica por um outro lado a falta de empatia e de bom senso humanitário de certos brasileiros, e a conduta racista de pessoas privilegiadas. O pior é que mesmo com a lei em vigor, ainda é preciso fiscalizar para que ela esteja sendo aplicada de forma adequada. Evidenciando o quanto podemos ser racistas ignorantes.

Cabe ainda salientar que em nosso país teoricamente, não seria preciso a existência de tal lei e ainda tanta fiscalização junto a ela em termos jurídicos, porque em tese já temos um trecho na constituição que diz que dentro das instituições educacionais deve haver contribuições e respeito a todas as etnias que compõem a nação brasileira. Assim sendo, teoricamente não precisaríamos desta lei, entretanto, o racismo institucional/epistemológico é tão presente, que a desumanização dos cidadãos negros e indígenas dentro de nosso país é algo bastante sério. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação, (2013, p.25):

A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Trecho extraído do texto: (Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI. 2013, p.25)

Segundo o filósofo Renato Nogueira (2011, p.10), “Outra reclamação dessas professoras e desses professores é a ausência de material didático e paradidático que promova a Filosofia para educação das Relações étnico-raciais”. Se levarmos em consideração os exemplos de pedagogia com rap para temas filosóficos como material paradidático a seguir, esta reclamação poderia ser atendida. Na minha opinião como graduando em Filosofia grau Licenciatura e também como MC/DJ e ativo pesquisador da cultura Hip-Hop, a vertente dentro do *rap* que mais poderia contribuir com a EBHH em termos didáticos, especialmente para a disciplina de filosofia pelo seu caráter narrativo, seria o *storytelling rap*. Contendo por vezes textos em formato de diálogos nos remetendo aos famigerados textos platônicos. O que distingue o rap Storytelling (Contando/narrando histórias através do rap) dos outros subgêneros lyricistas dentro da musicalidade rap, seria a técnica de escrita na hora de inventar

contos/histórias com figuras e/ou elementos narrativos e delinear um habitat rico em detalhes e atributos configurando um cenário bastante adequado para se contar histórias. O *storytelling Rap* diz respeito a habilidades de criação, composição e escrita que alguns MCs desenvolvem e demonstram, para construir relatos narrativos/discursivos consistentes com a ideias/conceitos/preceitos que desejam transmitir em suas músicas rap através de suas letras/rimas/poesias. Segundo Paul Edwards (2009, p. 34, tradução nossa) “O *storytelling* sempre foi uma técnica importante do MC de hip-hop. Ser capaz de estruturar o conteúdo na forma de uma história é importante para ser um artista de hip hop completo”. Nessa direção, Adam Bradley *apud* Ana Laura Boeno Malmaceda nos indicam que:

A forma discursiva do rap é um híbrido entre literatura oral, música e performance, “a kind of performance art, a blend of fact and fantasy, narrative and drama expressed in storytelling”. Feita dentro de comunidades que não foram incluídas às instituições sociais que fomentam e ensinam o que se denominou arte, a cultura hip-hop é de difícil classificação quando se pensa nas estruturas herdadas pelo racionalismo na História da Arte. (Bradley, 2009 p. 2424 *apud* Malmaceda, 2017 p.10)

Dentro do *storytelling rap* nacional podemos mencionar o *rap* dos Racionais MCs “Diário de um Detento” de 1997, um exemplo muito citado por estudiosos tanto do movimento Hip-Hop quanto por acadêmicos dentro do subgênero *storytelling* no *rap* brasileiro, que retrata neste caso uma dura realidade, “quase fantástica”. Mas que, de fato, aconteceu na vida de um detento no complexo carcerário do Carandiru. Uma amostra factual do poder denunciador discursivo/jornalístico do *rap storytelling*. Acima de tudo, de assuntos que as grandes mídias não querem retratar, mas, que poderia ser usado em sala de aula sobre tais questões problemáticas evidenciadas neste *rap*, fazendo questionamentos de um sistema muitas vezes falho, ineficaz e contraproducente, demonstrando o potencial de informação midiática independente do rap. Neste sentido podemos notar que:

A narrativa da canção “Diário de um Detento” tem início no dia 1º de outubro de 1992 e se conclui em 3 de outubro de 1992, intervalo que delimita o massacre do Carandiru. Jocenir, coautor da letra junto a Mano Brown, é um dos escritores que lançaram livros sobre a vida dentro do sistema carcerário depois do massacre. Foi preso em dezembro de 1994 e passou quatro anos na prisão. De origem social destoante do padrão – geralmente homens negros e pardos, com baixa escolaridade e majoritariamente jovens –, Jocenir é branco, tinha uma vida regrada, um emprego e uma família sólida. Num giro narrativo que parece mais verossímil na ficção, foi preso por um crime que não cometeu e passou a viver no Carandiru, em São Paulo, provando sua inocência anos depois. *Seu relato descreve uma experiência coletiva bastante comum nos presídios, um cotidiano de tortura e espancamentos por parte dos guardas e dos colegas de prisão. Conseguiu proteção de certos líderes locais quando passou a escrever cartas para os presos, moeda de troca entre uma maioria analfabeta.* Durante uma das visitas que fez à Casa de Detenção, Mano Brown foi apresentado a Jocenir, que havia escrito em verso histórias que ouvia de outros detentos, misturadas a impressões. (MALMACEDA, 2017, p.49, grifo nosso)

Ainda acerca do estilo *storytelling rap*, podemos observar que segundo o autor português

Francisco Noronha (2016):

É sabido como o storytelling é um elemento co-natural ao hip hop, circunstância que pode ser testemunhada pelo facto de inúmeros rappers (e já nem vamos aos proto-rappers, dos The Last Poets a Gil Scott-Heron) a ele se dedicarem desde que o género deu os primeiros passos, bastando, para isso, pensarmos em gente, e para abreviar, como Slick Rick (“Children’s Story”), Notorious B.I.G. (“I Got a Story to Tell”), Common (“I Used To Love Her”) ou Gang Starr (“Soliloquy of Chaos”). (NORONHA, 2016, n.p., grifo nosso)

Voltando a questão de temáticas filosóficas relevantes para aplicação da pedagogia com rap, temos um trabalho épico-musical filosófico no estilo *storytelling rap*, foi trabalhado sob a coordenação da pesquisadora, historiadora, crítica e curadora Cacilda Teixeira da Costa em 2011 em parceria com o *rapper* Max BO produzido pelo DJ Babão. Este “Rap Épico” foi intitulado: “*Max B.O - Iliada e Odisseia - Ritmo e Poesia*⁴⁵” que narra talvez os épicos gregos mais importantes: *Iliada e Odisséia*. Em um estudo realizado em um artigo em cima deste *épico musical rap*, o autor André Malta Campos (2013) assinala que:

O rap, por sua vez, é poesia produzida no seio de uma cultura letrada, mas, a exemplo do que acontecia com Homero, não é poesia para ser lida, mas sim ouvida. Em suas apresentações, de modo geral, os rappers podem ora trabalhar com um texto fixo, previamente estabelecido, que eles simplesmente reproduzem no show, ora trabalhar com um texto livre, que se apoia sobretudo na improvisação e nos elementos fornecidos pelas circunstâncias. Essa segunda modalidade é denominada “freestyling”, e o seu cantor, “MC” (“mestre de cerimônia”). É a vertente mais interessante, talvez, de se explorar na comparação com Homero e sua situação de oralidade pura [...]. (CAMPOS, 2013, p.527, grifo nosso)

Como podemos notar nos exemplos de *rap storytelling*, a queixa de alguns professores de filosofia demonstrada anteriormente pelo filósofo Renato Noguera, poderia ser respondida e suprida se considerarmos a viabilidade pedagógica da pedagogia com *rap*. Pois, temos um artista afro brasileiro fazendo uma espécie de “*rap filosófico*”, que poderia ser utilizado em sala no contexto da EBHH para temas filosóficos clássicos. Um outro exemplo de “*rap filosófico*” seria através do videoclipe da música do *rapper* Fabio Brazza “Anel de Giges⁴⁶”, pois, ele mesmo disse que se inspirou no mito que Platão descreveu em sua conhecida obra “A República”, para compor esta letra, esta obra platônica é um dos tratados filosóficos mais estudados do período clássico grego estando dentro de praticamente em todos currículos de filosofia canônica ocidental. O artista Fabio Brazza é

⁴⁵ Confira o álbum: *Max B.O - Iliada e Odisseia - Ritmo e Poesia* na íntegra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJgVtXCL32Y&t=337s> publicado no canal MR - O MUNDO RAP. Acesso em 17 de jun. 2022.

⁴⁶ Confira o videoclipe da música do *rapper* Fabio Brazza “Anel de Giges” publicado no canal Fabio Brazza disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjwVRxcsQiE>. Acesso em 21 de jun. de 2022.

um sagaz e estudioso letrista. Nesta música ele translitera para a linguagem do *rap* o mito platônico sobre o anel de Giges, fazendo intersecções com questionamentos tão em voga no século XXI, como por exemplo quando ele faz perguntas aos interlocutores sobre a questão do uso do ético/equilibrado do celular nas redes “sociais”.

Esta é mais uma amostra de como um *rap* poderia ser usado em uma aula de filosofia sobre temas éticos, como direitos e deveres do cidadão perante a moralidade vigente, nos levando a fazer reflexões sobre as convenções sociais e nossas ações perante elas. Fabio Brazza lançou um livro recentemente com este mesmo nome e tema. Numa breve pesquisa no Youtube, podemos encontrar professores de filosofia reagindo a este videoclipe aprovando o recurso audiovisual como material de apoio em suas aulas.

Portanto, a pedagogia como *rap*, poderia oferecer um leque diversificado de fontes discursivas/literárias sobre temas históricos, filosóficos, antropológicos, literários, artísticos, ambientais, psicológicos, sociológicos etc. Inclusive fazendo referência a personagens históricos muito estudados na história da humanidade dentro deste espectro oral/literário didático, como Homero. Pudemos ver anteriormente vários exemplos de *pedagogia com rap*, que poderiam ser analisados pelos agentes educacionais das escolas de Ensino Médio, visando avaliar seu potencial paradidático, sobre diversos temas relevantes para esta fase escolar. Nestes diversos exemplos de pedagogia com *rap*, podemos notar como os arte-ativistas MCs realmente ligados aos princípios éticos do movimento Hip-Hop estão preocupados com o que vão proliferar. Para tanto, pesquisam e refletem bastante suas temáticas e fontes antes de compor suas letras, isso devido ao comprometimento ético/social que estes agentes do movimento estético-político possuem com suas respectivas comunidades.

Como podemos observar ao longo desta pesquisa, os educadores que optarem por experimentar aplicar a metodologia didática da pedagogia Hip-Hop para seus alunos, podem fazer conexões pedagógicas que ligam trechos das letras de *rap* com textos educativos referentes ao plano de ensino em suas respectivas instituições de ensino. Podemos ver anteriormente uma pequena amostra com *Daniel Bidia Olmedo Tejera (Daniel Garnet) e Kleber Galvão de Siqueira Junior* em sala de aula com o *rap* “Serviço de Preto, registrado no texto: *Culturas ancestrais e contemporâneas na escola. Novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003 (2018)*. Diante destas propostas pedagógicas anti-racistas, segundo a educadora afrobrasileira Cristiane Correia Dias:

Também percebemos que nossas leis estão em um plano abstrato e a existência das mesmas não garante a sua implementação, como é o caso da Lei 10.639/03. *Por isso, faz-se necessária uma luta para o desmonte do racismo psicológico, situação que explica a persistência do racismo nas escolas, nas instituições e na sociedade de modo geral.* Talvez a luta por uma política reparatória viabilize a difusão dos projetos de políticas públicas para podermos averiguar os impactos que recaem aos *ethos* sociais de nossa cultura eurocêntrica vigente. (DIAS, 2018, p.142, grifo nosso)

Portanto, a pedagogia com *rap* não avançará se não tiver o imprescindível suporte logístico, financeiro e legislativo de políticas públicas educacionais que se atualizem junto aos educadores, (re)pensando os currículos para promover a otimização do processo de letramento dos estudantes brasileiros no século XXI, reforço que um investimento sério e substancial para pesquisas e cursos bem como oficinas de formação continuada dos educadores, neste sentido poderá ajudá-los bastante.

2.1.1.1 Plano de Aula de “Pedagogia com Rap”

PLANO DE AULA – PEDAGOGIA COM *RAP* – “*Rap/Poesia na produção Literária Brasileira*”.

I. *Ensino Médio: 3º Ano*

Habilidades: (EM13LGG602) (EM13LGG603)

II. Tema: - *Rap/Poesia na produção literária brasileira.*

III. *Objetivos:*

Objetivo geral:

- Refletir e analisar sobre o porquê da produção urbana e popular do *Rap* não ser tão comumente considerada como genuína produção literária/poética de relevância social para formação intelectual dos indivíduos por alguns centros de estudos e de saberes literários bem como por alguns intelectuais e estudiosos

Objetivos específicos:

- Reconhecer que a produção poética contida num *Rap* é sim digna e apta de análise e contemplação tanto quanto a produção poética contida numa poesia em termos sócio educativos. De modo a (re)valorizar o gênero textual poético contido no *Rap* escolhido (“Biografia Feminina” Cris SNJ) como manifestação genuína literária popular.
- Conscientizar acerca da importância social destes materiais de temáticas poéticas serem (re)valorizados nos dias atuais.
- Identificar e comparar semelhanças e diferenças nos gêneros textuais contidos no *Rap* e na Poesia.
- Identificar e analisar temáticas sociais importantes para os dias atuais dentro do cotidiano (do estudante) contido nos materiais didáticos apresentados.

- Promover o contato do estudante mesmo que breve com produção de texto poético do *Rap*.

IV. Conteúdo:

- Ressignificação e Revalorização da importância social do *Rap*
- Reivindicação do *Rap* como manifestação poética popular genuína
- Reconhecimento do *Rap* como veículo de informação Sócio Educativo
- Conexões sócio educativas entre a Poesia e o *Rap*
- Potencialidade do *Rap* para Educação Inclusiva

V. Metodologia:

1ª AULA:

Pra começar esta primeira aula de análise e investigação pedagógica, já em sala os professores apresentarão o videoclipe da letra de *Rap* para que os estudantes acompanhem com cópias da letra impressa em mãos, após essa primeira parte da aula projetar em slide os o poema de Conceição Evaristo: “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo para ler em sala. Após a leitura que poderá ser: coletiva, individual ou conduzida pelo educador, este deve levar algumas questões para que os estudantes reflitam sobre a letra apresentada. As perguntas podem ser realizadas de forma oral, organizada por meio de uma roda de conversa. Posteriormente, haverá uma atividade de escrita, seja individualmente ou em grupo, cada estudante deverá responder por escrito acerca de sua impressão sobre as questões levantadas. Ao final da primeira aula (já assistido o videoclipe da música *Rap* e lido o poema) o educador poderá interpelar os estudantes sobre o que eles consideram como poesia e qual a familiaridade e envolvimento que estes estudantes têm para com este gênero literário.

O educador deve aproveitar o final da 1ª aula para indicar para os estudantes, o filme que tratará especialmente desta discussão (se o *Rap* pode ou não ser considerado poema pelos intelectuais/estudiosos) por meio do filme “Na Batida do Amor 2017” (*Love Beats Rhymes 2017*) que encontra-se disponível no Netflix (o filme poderá ser disponibilizado via Google drive pelo professor) para que os estudantes possam assistir em casa como tarefa para 2ª aula. Para motivá-los a assistir o filme, o educador poderá dizer que ao assistir o filme e ao participar de um exercício da 2ª aula que envolverá conceitos contidos no mesmo, já valerá um ponto e que dará uma ótima base para o que será tratado nas outras duas aulas.

2ª AULA:

Depois de um bate-papo inicial sobre a tarefa de assistir o filme (será feito um exercício de escolher palavras chave sobre o filme para ganhar ponto, certificando que assistiram) indicado acerca da legitimidade do *Rap* como manifestação genuína poética tendo como base as palavras chave expostas na lousa, tome nota das possíveis impressões negativas e pejorativas sobre a música *Rap* apresentadas pelos estudantes. Coisas como “é um linguajar violento”, “som de bandido” e por aí vai, estes discursos são muito comuns para aqueles que não tem contato direto com o movimento/cultural Hip-Hop. Pode até ser que tais questões negativas não sejam ditas pelos estudantes – deste modo, o educador poderá elaborar uma ligação que viabilize trazer a questão dos estereótipos, que rodeiam e ainda rodeiam a música Rap, para a aula.

Uma maneira de promover um contexto apropriado para começar um diálogo/debate sobre a questão dos preconceitos, da estereotipação, e também da criminalização de alguns gêneros musicais mais populares. Pode ser demonstrando aos estudantes o simples fato de que no Brasil o gênero musical do samba e a luta/dança capoeira atravessaram períodos preconceituosos no passado passando pelo rechaço e mal-estar comumente executados geralmente pela população branca da época que enxergavam nestas manifestações artísticas de origem afrodescendente grandes ameaças a seus gostos musicais, valores e moralidade. Após isso demonstrar como o *Rap* é tão importante para a literatura sócio educativa quanto os poemas de uma autora do calibre de Conceição Evaristo.

3ª Aula: Trabalhos complementares

Para começar a aula o professor/a deve ler o trecho de um texto da autora Nilma Lino Gomes (que segue abaixo, sobre racismo projetado em slide). Após a leitura deve pedir que os estudantes divididos em grupos escolham uma das opções de exercício avaliativo abaixo descritas: que tentem criar um pequeno texto de 10 linhas em formato de *Rap* (contendo ou não rimas), sobre o que pensam a respeito. Segue o texto:

Lamentavelmente, o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta, muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país. (GOMES, 2005, p. 46)

Após todos os grupos devidamente separados e entre 4 a 6 pessoas terem compartilhado os parágrafos produzidos, o professor deve apresentar as seguintes opções de trabalhos que podem partir

da inspiração para produzir tais parágrafos bem como do estudo das aulas anteriores.

1ª proposta de trabalho final:

Peça para que os alunos componham pequenos textos ou que se expressem verbalmente de forma breve contando suas impressões sobre as ligações entre os poemas, os textos, e a música apresentada. Para que os estimule de modo que percebam que a linguagem “agressiva” ou melhor combativa, que é usada nas letras de música *Rap* seria reflexo de um cotidiano verdadeiramente agressivo relatado pelos artistas. O educador deve propiciar questionamentos acerca disso. Questões como: sobre qual violência é mais impactante para a sociedade brasileira, a violência do dia a dia retratada nos textos e poema lido, ou a “agressividade” da linguagem utilizada pelos artistas de *Rap* que usam da poesia/musicalidade do *Rap* para manifestar suas revoltas/indignações para evidenciar/relatar um cotidiano de temor, injustiças sociais e privações? O objetivo principal desta prática é provocar nos estudantes questionamentos para com a visão pré concebida do senso comum sobre estes contextos, entendendo que a música *Rap* possui uma linguagem relacionada com a “língua” dos guetos, ruas e vielas, lugares que a realidade violenta sempre é algo que raramente os surpreende, chegando a ser comum no seu dia a dia.

2ª proposta de trabalho final:

Estimular os estudantes a produzirem textos poéticos rítmicos (letras de rap) inspirados em seu cotidiano, inspirados pelos estudos realizados até aqui. Podem ser apresentados a eles a liberdade de escolherem no canal *Youtube* os chamados *beats* ou “instrumentais de rap” para usarem nesta produção. Poderão ser utilizados como ponta pé inicial para comporem as letras alguns elementos do dia a dia dos próprios estudantes, coisas como notícias jornalísticas atuais que os impactem, acontecimentos familiares ou pessoais que os marcaram ou até mesmo uma história baseada em fatos reais. O objetivo deste exercício é fazer deles agentes críticos e ativos no processo de produção de escrita poética livre, de tal maneira que entendam que o dia a dia ou as manchetes contidas nos jornais e noticiários, poderão operar como fontes de inspiração para, talvez, inspirá-los no exercício de composição para talvez serem escritores de novos *Raps*, poemas ou até mesmo textos que dialoguem com suas concepções de mundo, habilidades literárias e realidade cotidiana de injustiças sociais as quais desejam denunciar. O educador deve flexibilizar as entregas dos trabalhos: as composições podem ser somente entregues ou, para além de serem entregues, serem também performadas em recital ou roda de rimas. O educador deve propiciar uma atmosfera agradável para que os estudantes

se sintam confortáveis para apresentarem suas produções para a turma.

VI. Recursos:

Lousa, Giz, Retroprojektor, filme disponibilizado pelo professor, poesia impressa, Videoclipe, Música, Internet, Trecho de texto elegido projetado no telão.

VII. Avaliação:

A avaliação será contínua, processual bem como trabalho final, observando-se a apropriação e evolução acerca dos conhecimentos apresentados. Serão utilizados como procedimentos e critérios avaliativos os itens abaixo.

- Observação do crescimento individual e/ou coletivo dos alunos;
- Trabalho individual e em grupo;
- Capacidade de Síntese de texto.

Também será considerado o desenvolvimento de capacidade e atitudes inerentes ao exercício da atividade, como:

- Assiduidade;
- Participação ativa nas tarefas pedidas para casa e nas aulas;
- Capacidade de análise e síntese e compreensão; levando em consideração a autonomia de pesquisa (autodidata) e estudos.

VIII. Bibliografia:

Bibliografia Básica:

BEAT ou Letra : Por Onde Começo a Minha Composição de Rap ? [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Escola do Flow. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4wmQ6LNCNZY>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

"BIOGRAFIA feminina" part. Rose e Srta. Paola - Cris SNJ no Estúdio Showlivre 2018 [S.l.:s.n.], 2018. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Showlivre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5a5n9FIIXM>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

COMO fazer rap com o flow irado? [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Batalha Central. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9tq48Zyjubw>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

COMO fazer refrão de rap [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Escola do Flow. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2SIGjDzlm9Q>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

CRIS SNJ - Evoluindo Através dos Tempos (Completo) [S.l.:s.n.], 2016. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Cris SNJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CyIoixgDZYk>.

Acesso em: 18 de ago. de 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Secretária de educação continuada, alfabetização e diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2005

MARCELLO, Carolina. **5 poemas emocionantes de Conceição Evaristo**: Conceição Evaristo (1946) Portugal: Cultura Genial, [2017 - 2022]. Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes e licenciada em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poemas-de-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 2 set. 2022>. – Coleção para todos.

NA BATIDA DO AMOR 2017 (Love Beats Rhymes 2017). Direção: RZA “Robert Diggs” Produção: John Sacchi; Natalie Galazka, Paul Hall. Intérpretes: Azealia Banks; Lucien Laviscount; Jill Scott, John David Washington, Common. Roteiro: Nicole Jefferson-Asher Fotografia: Joseph White. Produtora: CodeBlack Films & Spoken Production. 2017, EUA
TÉCNICA para escrever letra de rap sobre qualquer coisa [S.l.:s.n.], 2021. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Escola do Flow. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HiouI_PCW4Y. Acesso em: 02 de set. de 2022.

EVARISTO, Conceição. **Vozes Mulheres**. [S. l.]: Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, 11 nov. 2021. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>. Acesso em: 3 set. 2022.

Bibliografia Complementar:

COMO rimar no improviso usando 3 exercícios | consultor de rima [S.l.:s.n.], 2016. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Batalha Central. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E1QBkdSWSVk>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

PIRES, Mara Fernanda Chiari. Mulher e Negra: a poesia como instrumento da reafirmação de gênero e etnia. *Fazendo Gênero* 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010.

CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (23 min). Publicado pelo canal Literaturas Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 18 de ago. de 2022

CUPERTINO, Eduardo. **OAB-DF lança campanha de empoderamento das mulheres negras**: Ação convida sociedade a refletir sobre racismo e sexismo. Rio de Janeiro: Agência Brasil, 25 jul. 2022. Autor: da Rádio Nacional. Edição: Aline Leal - Brasília. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/oab-df-lanca-campanha-de-empoderamento-das-mulheres-negras>. Acesso em: 18 ago. 2022

DINIZ, Neide, *Entre Prosas e Versos com Conceição Evaristo*, *EPARREI*- Publicação da Casa de Cultura da Mulher Negra, de Santos, no. 11, 2º semestre 2006, ano V.

PROGRAMA FREESTYLE COM CRIS SNJ [S.l.:s.n.], 2018. 1 vídeo (22 min). Publicado pelo canal Programa Freestyle. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DmpVQAz2Llg>. Acesso em: 18 de ago. de 2022.

VOCABULÁRIO estratégico no rap (dica de composição) [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Escola do Flow. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jiiTaphjHU8>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

Souza, Rosana. (2019). Memória rastro em poemas de Conceição Evaristo. Anuário de Literatura. 24. 13-22. 10.5007/2175-7917.2019v24n1p13. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/335406722_Memoria_rastro_em_poemas_de_Conceicao_Evaristo>

IX. Anexos:

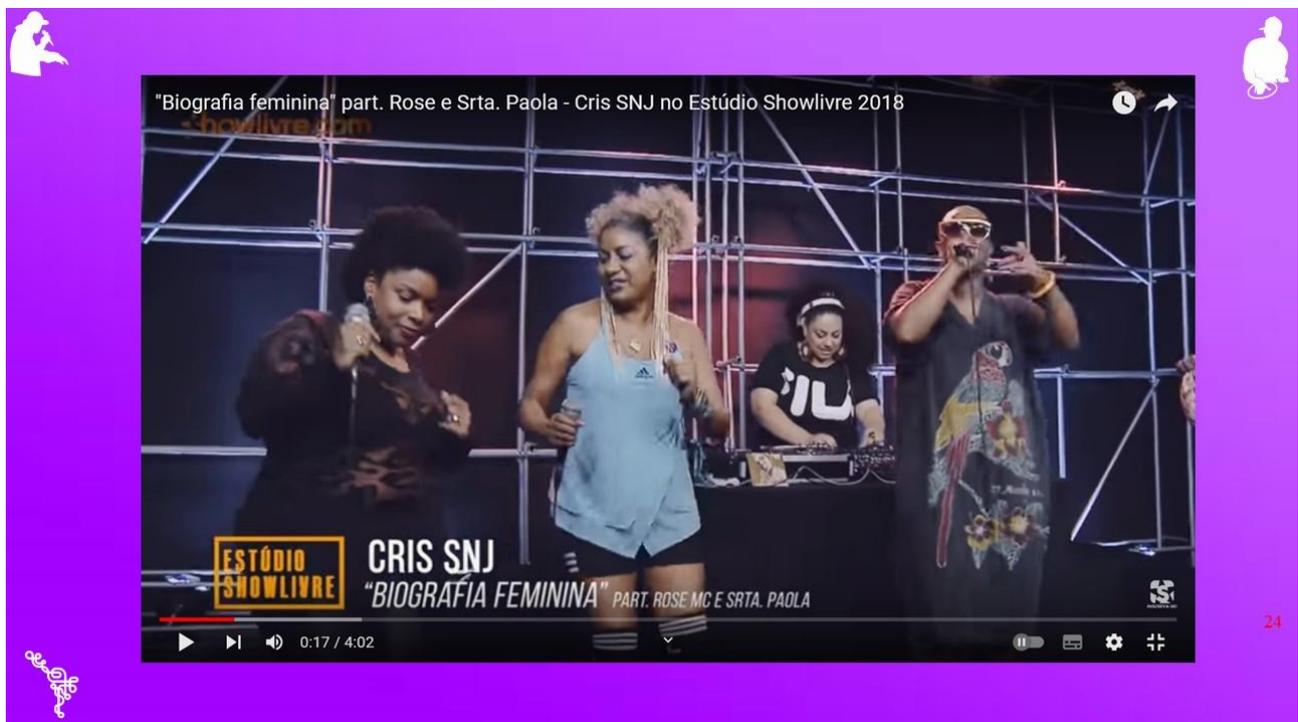
Videoclipe: "Biografia Feminina" part. Rose e Srta. Paola - Cris SNJ

Poesia: Vozes Mulheres - Conceição Evaristo (Slide) + (Folha Impressa)

Texto: Neide Diniz - Entre Prosas e Versos com Conceição Evaristo, *EPARREI*

Texto: Nilma Lino Gomes - Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. (Slide)

Filme: Na Batida Do Amor 2017 (Love Beats Rhymes 2017) Disponível: Netflix



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações obtidas nas pesquisas e estudos sobre a pedagogia Hip-Hop e a EBHH, espera-se que o presente trabalho possa contribuir com reflexões e proposições que possam ser de grande valia, para que o processo de ensino aprendizagem nas escolas públicas brasileiras, viabilizando uma educação inclusiva para consciência social, sobretudo para com as pessoas de grupos vulneráveis. Na finalização desta etapa de estudos/reflexões realizadas durante todo o processo desta pesquisa e produção da escrita me levaram a ponderar que os problemas levantados acerca da evasão escolar no Brasil. Que sobretudo no Ensino Médio são bastante amplos e complexos e os que mais sofrem e podem levar a culpa com isso são justamente os docentes/discentes que são os personagens centrais do processo. Mas, que são colocados de lado na hora de elaborar os protocolos educacionais. Deve-se buscar apoio de intelectuais/educadores engajados em desenvolver e promover projetos de políticas públicas educacionais. Estes poderão mobilizar ações e pessoas afins, para produzirem um trabalho visando reunir educadores, projetos sociais locais, corpo técnico das escolas, bem como os próprios estudantes, no sentido de conscientização mútua acerca dos porquês, dos estudantes estarem se desinteressando pelos estudos e alguns professores de ensinar tais estudantes.

Talvez uma boa opção seja projetos de grupos de estudo em horário alternativo ao das aulas, nos EUA existe um projeto de escolas de ensino fundamental em Nova York em parceria com *Urban Arts Partnership*⁴⁷ denominado *Fresh Prep*⁴⁸ onde estão utilizando a pedagogia com *rap* para engajar os estudantes e está dando muitos frutos alcançando 80% de aprovação dos alunos. Esta é uma boa amostra factível de que a pedagogia com *rap* realmente dá frutos, e está ajudando os estudantes a terem autoestima intelectual o suficiente para se esforçar e voltar ao *ritmo de aprendizado*, mesmo depois de uma reprovação. Uma amostra que está chamando atenção de universidades conceituadas dos EUA do potencial da pedagogia com *rap* em ação seria o projeto de “resgate ao saber científico para os estudantes jovens”, a saber o projeto *Science Genius* encabeçado pelo professor Emdin da *Teacher’s College* (escola de formação de professores) que teve como propósito motivar alunos com

⁴⁷ Confira do site da **Urban Arts Partnership** disponível em: <https://www.urbanarts.org/> Descrição do site: “*Alunos de famílias historicamente desfavorecidas têm menos oportunidades de aprender do que seus colegas mais ricos. Fechar a lacuna de oportunidades, especialmente em tecnologia, é a única maneira de progredirmos no sentido de fechar as lacunas de desempenho acadêmico que separam estudantes negros e hispânicos de seus colegas brancos. Acreditamos que toda criança deve ter acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua raça ou origem socioeconômica*” (tradução nossa) Acesso em 25 de jun. de 2022.

⁴⁸ Confira a matéria “Fresh Prep: pedagogia aplicada a ritmo de hip-hop” sobre o projeto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=riazp1YAOP0&list=TLPQMjYwNjIwMjKqsAIqJVvFSQ&index=2> Acesso em 25 de jun. de 2022. Para saber mais confira em uma matéria intitulada: “*Using Rap to Teach (Fresh Prep)*” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=416AFw9Rk9w> Publicada no canal *YourTeachersAide* acionar legendas, acesso em 25 de jun. de 2022

dificuldades nas disciplinas Química, Física, Matemática e Biologia através de redações em formato de rap nestas áreas. De acordo com Roberth de Carvalho “Christopher Emdin fundou o *Science Genius B.A.T.T.L.E.S. – Bring Attention to Transforming Teaching, Learning and Engagement in Science*. Ele utiliza técnicas de autoexpressão e produções do hip-hop em aulas de Ciências.” (DE-CARVALHO, 2021, p.4)

Este festival/concurso de ciências através do *rap* chamado *Science Genius B.A.T.T.L.E.S*⁴⁹ está funcionando e, foi através dele minha porta de entrada para a pedagogia Hip-Hop. Nesta direção, em solo brasileiro vemos ao início deste trabalho outra experiência da pedagogia Hip-Hop feita em sala com o professor Siqueira Jr e Daniel Garnet com o *rap* “Serviço de Preto”. Vimos como pode ser efetivo a narrativa do *rap* para se ensinar as juventudes e, engaja-las em aspectos sociais importantes que provocaram a mobilização contra o racismo, que os estudantes voluntariamente realizaram na escola depois da experiência de pedagogia com o *rap* de Garnet, informação presente na obra conduzida pela professora Dra. Monica Guimaraes Teixeira do Amaral: “Culturas ancestrais e contemporâneas na escola (2018)”.

Esta pesquisa se propôs ampliar os horizontes da educação inclusiva para propostas ainda experimentais, assim como elaborar um conjunto teórico de elementos didáticos/metodológicos via música/videoclipe/letra de *rap* em aulas, bem como artigos e outros textos de pesquisas acadêmicas, que possam servir de fonte de informação para futuras pesquisas pedagógicas. Como vimos a cultura Hip-Hop está bastante presente no cotidiano muitos jovens estudantes brasileiros. A EBHH através do que chamei de *Pedagogia com rap*, possui potencialidades para atuar como um aliado nas mãos de educadores que decidam por uma educação inclusiva, emancipadora para promover uma consciência social crítica, se levarmos em consideração que a linguagem da cultura Hip-Hop está bem presente na vida de muitas pessoas nos dias atuais.

Esta proposta pedagógica que incorpora elementos da cultura Hip-Hop pode ser ainda informal/experimental. Mas possui potencialidades que foram apresentadas por considerável número de pesquisadores para sair da informalidade se tivermos a possibilidade de aplicá-la, por um período extenso para testá-la. Neste sentido a lei 11.645/08 poderá nos dar suporte legal para tanto. Ela também poderá contribuir para motivação e interesse sobre questões filosóficas, pois, artistas de *rap*

⁴⁹ Confira o festival de apresentações dos alunos da Columbia University onde o professor Chris Emdin ministra aulas e foi realizado o projeto de EBHH com sucesso no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MubidmsKf4&t=21s>. Acesso em 27 de junho de 2022

tem muito apreço e curiosidades naturais pela construção do pensamento humano, sempre buscando referências de bons pensadores para se inspirar (como vimos nos exemplos de Max BO e Fabio Brazza) e poder compor boas letras que impactem a visão de mundo de seus interlocutores assim como outros pensadores/MCs impactaram as suas. Dado certas similaridades do filósofo para com o MC poderá a filosofia de vida presente na cultura Hip-Hop servir de conexão para tais estudantes terem interesse pelo pensamento filosófico de apreensão do saber. Pois, assim como o filósofo o MC observa o mundo a sua volta e tenta descreve-lo em suas letras (produção de saberes) sob um viés crítico e analítico, no caso do MC possuindo critérios e princípios que formadores de opinião e pensadores importantes de luta/resistência do movimento desenvolveram, bem como dos pensadores/poetas/filósofos que eles tem como referência para produzir uma crítica/poética.

Emdin em sua conferência intitulada “Ensine professores a criar mágica⁵⁰”, na introdução nos faz um apelo com um tom provocativo/reflexivo, descrevendo um exemplo de uma determinada educadora, que estava produzindo um texto extenso sobre conceitos didáticos antigos concebidos por um professor já falecido há tempos. Ele salienta que tal educadora, enquanto trabalhava neste texto estava se questionando, *em que aspecto este texto antiquado teria relação com o que ela deseja fazer em toda sua jornada como professora comprometida com seus alunos*. Ela nos faz refletir quando salienta nos interpelando: *Como ela poderia contribuir efetivamente com a educação nos dias atuais para inspirar os estudantes, sendo que as conjecturas de tal texto sobre engajamento, são transmitidas do modo menos engajado possível?* Emdin arremata com uma pergunta retórica dizendo: “porquê muitas escolas de formação de professores apenas fornecem teorias e teorias que te falam sobre normas técnicas que muitas vezes não produzem efeito/significado como algumas técnicas discursivas, que a magia de um bom *storytelling* possui para interessar e engajar as pessoas?” (CHRIS...,2018)

Mesmo com estas possibilidades pedagógicas, a pedagogia com *rap*, ainda é algo experimental e não está formalizada/oficializada nos currículos brasileiros, até onde vai minhas pesquisas. Busquei trazer esta discussão para que continue em evidência em espaços

⁵⁰ Confira a conferência na íntegra de Chris Emdin acerca da pedagogia com rap usada em salas de aula e como ela tem o poder de engajar e produzir foco na aula para os estudantes que veem o ato de ir para escola como algo chato e maçante. Conferência disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H3ddtbeduoo&t=5s> Acesso em 25 de jun. de 2022 (acionar legendas) Descrição do vídeo no canal: *O que shows de rap, barbearias e igrejas têm e comum? Como Christopher Emdin diz, em todos eles residem o segredo da mágica que encanta e ensina ao mesmo tempo, uma técnica que geralmente não é passada aos educadores. Este defensor da ciência (e cofundador do Science Genius B.A.T.T.L.E.S. com GZA do Wu-Tang Clan) oferece uma perspectiva para trazer as salas de aula de volta à vida.*

acadêmicos/escolares, para que possamos identificar suas potencialidades e suas debilidades, esta proposta não nenhum “milagre” educacional que vai salvar os estudantes e professores destas diversas problemáticas na educação brasileira. A EBHH é uma proposta que estudiosos qualificados/engajados na educação inclusiva estão dando bastante atenção, isso é um indicativo de que ela tem potencial.

Atualmente, nos EUA vemos um *boom* acerca desta pedagogia culturalmente relevante, no Brasil também está tendo um começo promissor onde educadores dos ensinos de base preocupados com o desenvolvimento no letramento dos jovens de classe menos favorecidas, encontraram nesta alternativa pedagógica uma possibilidade interessante para um processo de ensino aprendizagem que possa alcançar o ritmo e o mundo destes estudantes. Todavia, estas pesquisas ainda estão em curso, não dispomos de tanta literatura especializada sobre, também não dispomos de muitos estudos de caso. Tive limitações para conseguir expressar tudo que penso a respeito dela, confesso que sou um entusiasta deste recurso, mas, também sei que não é uma *panaceia*, não acredito que os textos da literatura rap substitui os textos canônicos e, nem a pedagogia com rap todos processos de aprendizagem. Entretanto a EBHH os complementa e auxilia em termos didáticos/metodológicos para uma educação mais motivadora e efetiva de inclusão social. Em meu entender esta proposta vem para ser mais uma relevante opção na caixa de “ferramentas pedagógicas” do educador comprometido com uma aprendizagem que produza sentido/significado para seus alunos. Neste sentido Hill (2014) salienta que:

Esses processos, aos quais me refiro como *pedagogias com Hip-Hop*, são fundamentais para o desenvolvimento de uma pedagogia Hip-Hop. Para ser claro, eu *não estou sugerindo um conjunto rígido de estratégias ou de programas a serem transmitidos e replicados. Tal abordagem só intensifica os esforços de requalificação de agentes educacionais contemporâneos que rompem o poder, mas oferecem currículos pré-formatados* (em alguns casos, até mesmo em um script) no lugar de uma pedagogia específica, reflexiva e engajada ao contexto. Pelo contrário, eu *estou sugerindo que os educadores e estudiosos que se baseiam no Hip-Hop se movam além da teoria esotérica e das anedotas românticas de sala de aula, a fim de desenvolver uma visão da pedagogia Hip-Hop que leve a sério a importância do desempenho acadêmico.* (HILL, 2014, p. 212, grifo nosso)

A pedagogia com *rap*, assim como qualquer outra proposta pedagógica que está ainda em seu começo precisa de muitos reajustes e testes, tem muitas coisas para serem colocadas em cheque, até mesmo o precursor desta proposta Marc Lamont Hill nos demonstra isso em suas pesquisas. Talvez ela sendo formalizada possa ser incorporada a um possível projeto de pesquisas/estudos de formação inicial e continuada de professores para que estes possam ter condições para testá-la e se aprofundarem mais nesta proposta.

Em suma, Hill (2014) alerta os educadores a respeito da EBHH, para os mesmos refletirem e

fazerem uma autoanálise e autocrítica sobre suas práticas pedagógicas e currículos de suas respectivas instituições quando não relacionadas nas necessidades culturais/educacionais dos seus estudantes dentro e fora de sala. Esta reflexão é bastante necessária para educadores que optem pela pedagogia Hip-Hop, não atuem desconectados do cotidiano de seus estudantes ou de maneira romântica/superficial para com esta nova alternativa epistemológica em salas de aula. A escolha desta alternativa, não deve indiretamente limitar seus alunos a terem contato com textos canônicos necessários para um letramento mais completo para concorrer a exames ou concursos para seu desenvolvimento acadêmico e/ou escolar. Podendo assim, se distanciar da intencionalidade pedagógica da EBHH de um letramento para autonomia intelectual e crítica acerca do ato de *aprender a aprender*. Acerca disso, Hill (2014) nos alerta que:

Ao projetar o Curso de Literatura Hip-Hop, o Sr. Colombo e eu tomamos uma decisão deliberada para descartar textos canônicos tradicionais e substituí-los por textos de Hip-Hop, a fim de atrair e de envolver os alunos. Apesar do nosso sucesso, é importante não romantizar o uso de textos de Hip-Hop. *Ao confiar em textos não tradicionais em vez de textos canônicos, nós privamos os alunos de acessar aos corpos de conhecimento (neste caso, o conhecimento do cânone ocidental literário), que são cruciais para o sucesso educacional geral diante de testes de alto e reforçado capital cultural. [...] Deste modo, no entanto, os alunos de Literatura Hip-Hop desenvolveram um vocabulário formal de crítica literária que seria de valor considerável dentro de uma sala de aula tradicional de literatura.* No entanto, a tensão entre o conhecimento escolar sancionado desafiador e a oferta aos estudantes de corpos de conhecimento que são requisitos para o sucesso educativo convencional é aquela que deve ser cuidadosamente negociada por educadores baseados em Hip-Hop. (HILL, 2014, p. 2013, grifo nosso)

Diante disso, todo o corpo educacional que pretenda se utilizar da EBHH em suas escolas de maneira consciente/efetiva, de modo a não privar seus educandos de terem acesso às habilidades necessárias para sua formação intelectual no ensino de base, devem levar em consideração estas ponderações de Hill, para não aplicar um processo insipiente de letramento. Portanto, para que ela opere satisfatoriamente devemos ir nos atualizando nas literaturas e pesquisas que forem realizadas na área, unindo aos nossos estudos pedagógicos. Devemos testar empiricamente estas propostas de maneira atenta e séria, com muito estima pelo processo de ensino aprendizagem dos estudantes, considerando seus interesses e consultando suas opiniões sobre suas inclinações socioculturais. Considerando também os saberes clássicos de aprendizagem já universalizados pelas instituições educacionais pelo menos da produção literária do pensamento ocidental, pois, na qualidade de educadores é nosso dever apresentar aos estudantes, os conjuntos de saberes reunidos ao longo da história de construção do pensamento humano.

Assim poderemos ir galgando degraus e mais degraus subindo ao invés de descer na escadaria do saber, sendo que é dever do professor comprometido de repassar tais saberes historicamente produzidos pela humanidade ao longo dos tempos, para não cometermos os mesmos erros e potencializarmos os acertos. Alguns currículos como vimos, não estão contemplando o ritmo de aprendizado dos grupos vulneráveis, ademais estão deslocados de suas vivências permanecendo fora de contexto, não produzindo conhecimentos que possam ser aplicados em seu dia a dia, descumprindo com uma cabal tarefa, ou seja, para com a formação de um cidadão que possa contribuir com suas particularidades intelectuais na sociedade, para um bem comum.

Nesta direção, alguns estudos como os de Silva (2019) identificaram, o que podemos notar na letra de *Gabriel o Pensador* intitulada: “*Estudo Errado*”⁵¹ que em suas rimas/provocações, o cantor faz críticas e ponderações relevantes a uma educação “bancária” nos remetendo a crítica freireana. Seu questionamento em forma de *rap*, deste modo, se alinha com a proposta do presente trabalho de pedagogia com *rap*. Ele anuncia e denuncia sobre como uma aula poderá chegar a ser mecânica, cheias de conteúdos e normas, com uma educação que não faz sentido para eles ao não serem reconhecidos como sujeitos de ensino/aprendizagem. Isto conseqüentemente não os mobiliza em termos efetivos de engajamento no aprendizado. Diante disso, os alunos cada vez mais desanimados neste processo mecânico que os exclui, não aprendem ou não querem aprender, podendo chegar à evasão estudantil. Vejamos um fragmento do *rap crítico* do *Pensador*:

*Não aprendo as causas e consequências só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato
Mas os velhos me disseram que o "porquê" é o segredo
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
Eu sei que ainda num sou gente grande, mas eu já sou gente
E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a gente enjoa*

Nesta mesma direção de pesquisa Thiago Júdice dos Santos Silva (2019) alerta que:

[...] Gabriel o pensador, que formulou esta importante crítica há mais de duas décadas atrás. Em sua visão, retratada no *rap*, *Gabriel entende que a escola falhava em suas práticas pedagógicas, principalmente por não envolver o aluno nas aulas e não contextualizar aquilo que era aprendido. O rapper se coloca no papel do aluno e pergunta: “eu tô aqui pra que? será que é pra aprender? ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?” evidenciando a obrigatoriedade da postura passiva dos alunos durante as aulas, que não sabem ou não reconhecem, a necessidade de frequentar à escola.*(SILVA, 2019, p. 13, grifo nosso)

⁵¹Confira o videoclipe “Estudo Errado” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9K2nHxxUio>. Acesso em 25 de jun. de 2022

Espero que tenha contribuído, com referenciais teóricos e recursos didáticos que possam ajudar os futuros pesquisadores da área da educação inclusiva interessados nesta proposta quando se depararem tanto com a cultura Hip-Hop, quanto a pedagogia Hip-Hop. Busquei colocar fontes variadas de autores e artistas-educadores. Pessoas que percebi ao longo da pesquisa que estão mais atuantes nesta proposta pedagógica e também estão atuando em projetos sociais, por vezes contando com suporte teórico e até prático de arte-educadores do movimento Hip-Hop. Deixei indicações de vídeos, filmes, documentários, músicas e textos de modo a já poderem ter amostras teóricas/didáticas, bem como opções audiovisuais atraentes para os estudantes dos dias atuais. Fiz estas escolhas por estarem mais presentes para tais estudantes na era da internet. Abordei questões sobre o universo artístico e conscientizador que é a cultura/movimento Hip-Hop, para já terem contato com materiais referenciais relevantes sobre os códigos sociais de resgate e autonomia no pensar de tal proposta.

Tenho consciência que usei razoável quantidade de citações de revistas eletrônicas, sites, plataformas de vídeo digitais, bem como vídeos do *Youtube* que podem não ter tanto peso acadêmico, porém, decidi usá-los por um lado, por conta de questões pontuais que considerei importantes investigando os interesses dos jovens em questão. Nesta direção segundo Diaz (2015 *apud* Dias, 2019) salienta em suas pesquisas que:

Dentro desta perspectiva é que as experiências internacionais e nacionais realizadas a partir da pedagogia Hip-Hop, incluindo este trabalho, *parece-nos de suma importância, visto que, a cultura Hip-Hop é hoje uma rede de conexão juvenil por meio da arte e das plataformas digitais, ferramentas que se mostram relevantes para o mundo global em nossa atualidade [...]* (DIAZ, 2015, p.173 *apud* DIAS, 2019, p.191, grifo nosso)

Por outro lado, optei usar algumas referências digitais por não encontrar em outras fontes questões pontuais sobre temas que elegi imprescindíveis. Questões importantes para constar neste trabalho que pretende alcançar jovens de grupos vulneráveis sobretudo das periferias que estão se desinteressando da vida escolar, não tem acesso ao conhecimento das literaturas acadêmicas, mas tem acesso à internet. Inicialmente pretendia colocar exclusivamente referências acadêmicas, mas conforme a pesquisa avançava, me vi compelido a usar outras fontes que dialogassem com o presente trabalho, tendo em vista o público jovem estudantil do século XXI. Portanto, decidi usar todos recursos via audiovisual e digital, por serem mais presentes na vida de tais jovens. Ao longo dos estudos e produção do texto percebi que utilizar somente aportes teóricos de escrita, poderia fazer com que os conhecimentos e informações que coletei ao longo destas pesquisas que poderiam

alcançar tais estudantes poderiam ficar de fora. Na intenção de produzir uma pesquisa mais ampla em termos de recursos didáticos, usei outros exemplos para poder exemplificar grande potencial que tem estes materiais “paradidáticos” audiovisuais na acepção de ideias, aproveitando todo aparato de nossos cinco sentidos, para o processo de aprendizagem.

O motivo das indicações de videoclipes quando fiz para exemplificar aulas de pedagogia com *rap*, foi para que aqueles que leiam o trabalho e não possuam as pesquisas e vivencias que tenho com a cultura Hip-Hop e a aplicação da pedagogia com *rap*, possam contar com um trabalho de curadoria amplo. Quando se tem a experiencia de assistir a um videoclipe de *rap*, a pessoa experimentará o impacto visual, sonoro e literário através das TIC’s, estes elementos são poderosos para captar a atenção dos interlocutores jovens destes tempos. Deste modo, poderão essas pessoas sentir com a mente e pensar com o coração, uma dialética estética-educativa-reflexiva que acontece com muitas pessoas quando estão presenciando um evento/oficina da cultura Hip-Hop. Estas experiencias *in locu* de ir a um evento de Hip-Hop poderão (re)significar e transformar seus olhares para com o poder pedagógico e transformador intrínsecos a cultura Hip-Hop. Podendo elucidar sobre conceitos acerca do que é arte e cultura nos lugares onde vivem estas pessoas (estudantes) muitas vezes esquecidas. Tais pessoas, estão produzindo este tipo de arte e cultura para poderem resistir⁵², prosperar e transformar a si mesmos e, o lugar onde vivem em um bom lugar.

Em um trabalho futuro para a continuação e o desenvolvimento desta pesquisa desejo otimizar este processo, que ainda tem muito que ser trabalhado levando em consideração tudo que pretendia. Não tive a disposição neste momento das melhores condições “logísticas” para tanto. Meus anseios são de continuar pesquisando esta área promissora que acredito que será mais preste nas escolas brasileiras um dia, assim como já está sendo nos EUA, Canadá e Japão. Tanto pela alta criatividade do povo brasileiro e dos professores que lutam por melhorias na educação no Brasil, quanto pelo trabalho sério aliado o movimento Hip-Hop nacional e suas oficinas, que muitos educadores já estão desenvolvendo. Penso, que a cultura/movimento Hip-Hop não vai parar de lutar pela inclusão daqueles que nos espaços mais tradicionalistas/conservadores educacionais não são aceitos como sujeitos de aprendizado. A pedagogia com *rap* pode se tornar uma resposta, para um processo de aprendizagem que alguns alunos estão achando os estudos entediante ou “distante de suas realidades”. Educadores que aceitem os desafios de revisar certos aspectos de tabus educacionais, que desejem promover um processo de ensino aprendizagem carinhoso, emancipador/crítico e, que

⁵² Veja a conferência: A Cultura Hip-Hop Como Ferramenta de Mudança - Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gxwJFgpNI88&t=2s>>. Acesso em: 15 de set. de 2022

contemple a diversidade cultural/étnica contida nas salas de aula brasileiras que promova a multiculturalidade pedagógica, tem em mãos ao meu ver uma boa opção.

Uma das coisas mais importantes que este movimento cultural faz pelas pessoas é aceita-las do jeito que são valorizando seus conhecimentos prévios ajudando elas a se desenvolverem se assim quiserem, sem as julgar e ainda ajuda-las a enxergar o que elas tem de bom e importante para oferecer as suas comunidades e ao mundo, conferindo a elas um sentimento de pertencimento. Penso que este ponto é central para que a pedagogia com *rap* possa se tornar uma ferramenta inclusiva relevante. Sobretudo aos currículos que busquem uma *revolução amorosa* como fez Paulo Freire, quando alfabetizou centenas de pessoas esquecidas pela sociedade com suas “palavras geradoras”. Almejo que a EBHH no Brasil possa contribuir onde por ventura o processo de entendimento e formação da identidade em alunos do ensino médio, não é dado tanta importância. Esta questão do “seu lugar no mundo” é importante para que os estudantes se engajem em alguma coisa. Este momento da vida escolar para eles, é uma época de se perguntarem quem são, o que querem se tornar ou em que modo de ser pode contribuir de importante para a vida de outras pessoas. Neste período da vida, eles vivem se perguntando se possuem algo vindo deles de bom para proporcionar ao mundo. Sem a presença de boas referências que os contemplem, que contemple seus ideais e potencialidades sentem-se perdidos e se perdem nas relações sociais nos ambientes escolares e extraescolares.

Esta pedagogia experimental que se debruça na multiculturalidade e diversidade dos assuntos tratados na musicalidade *rap* bem como a grande variedade de história de vida de indivíduos que compõem estas músicas, poderão ser usadas como referências que estejam mais alinhadas com suas vidas fora da escola. Educadores que por ventura sigam a pedagogia de Paulo Freire tem nesta proposta a possibilidade de fazer intersecções, para que os estudantes sejam também sujeitos de ensino-aprendizado. Segundo Freire (1996):

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p. 16)

As propostas de Freire e, as propostas de pedagogia Hip-Hop tem pontos em comum, como a inclusão e respeito a trajetória de vida estudante valorizando as contribuições de suas vivências junto ao educador. Neste sentido, “[...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma -se

e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p. 13). Como vimos neste trabalho, muitos pesquisadores da pedagogia Hip-Hop se inspiram na pedagogia freireana *que valoriza o estudante como sujeito de ensino aprendido*, para direcionarem suas atuações em sala. Inclusive autores estadunidenses como Duncan-Andrade, Ernest Morrell e Marc Lamont Hill, citam Paulo Freire em suas pesquisas. Portanto, segundo Charlie D. Hankin (2017, p.136): “A pedagogia do oprimido busca mudar a ideologia: descolonizar a mente, tanto do opressor quanto do oprimido, para acabar com a contradição entre eles”. Deste modo, segundo Jeff Duncan-Andrade e Ernest Morrel (2008, p. 9, tradução nossa): “Os professores e as escolas em geral precisam de apoio para desenvolver e implementar uma pedagogia que investigue e se baseie nos contextos sociais das vidas dos jovens urbanos”.

Apesar do que proponho nesta pesquisa para com as potencialidades desta nova proposta pedagógica, compreendo que apenas os esquemas EBHH/pedagogia Hip-Hop não podem dar conta de todo o processo aquisição epistemológica exigidas para futuros testes seletivos como por exemplo o ENEM e o vestibular. A aplicação desta ferramenta pedagógica ainda está iniciando no Brasil, está em curso, portanto, esta pesquisa permanece em aberto, todavia, devemos valorizá-la bem como problematizá-la. Por outro lado, mesmo que ela seja ainda uma “novidade”, se não lutarmos para que novas propostas pedagógicas sejam discutidas nas escolas, academias e outros centros de saberes científicos podendo ser colocadas a prova dentro de uma sala de aula por um longo período, talvez nunca saberemos em termos epistemológicos/pedagógicos onde ela é eficaz e onde ela fica devendo. Esta pesquisa não é um ponto de chegada e sim um ponto de partida, visto que é um trabalho de conclusão de curso que pretende apresentar uma opção possível de pedagogia inclusiva. Este trabalho de pesquisa é ainda um vislumbre, do que esta proposta/pesquisa educacional poderá se tornar com mais preparação e experiência pedagógica/didática/metodológica de minha parte. Confesso que ainda não logrei expor no presente trabalho todas considerações e críticas sobre tal proposta. Por exemplo, tinha alguns materiais extras que descobri pesquisando que considerei pertinentes, mas só havia disponível em livro físico até mesmo em outras línguas e não tive condições de adquirir nesta ocasião. Pode ser que muitas escolas no Brasil, tenham resistência para com esta proposta pedagógica que dialoga com a contracultura do movimento Hip-Hop, dado ao preconceito com a música rap. Também, por receios que ainda existem em cima de propostas pedagógicas que são estranhas a escolas mais tradicionais. Desejo com este trabalho que as áreas de investigação pedagógica das licenciaturas, deem uma chance e se abram para novas propostas fora do *standart* pedagógico escolar. Que se permitam conhece-la, não somente conhecer esta teoria pedagógica em si, mas conhecer também o histórico de luta e conscientização da cultura/movimento Hip-Hop, uma cultura que resgatou a muitos. Que estes possam conhecer mais seu aspecto sociológico político e caráter educativo

intrínsecos a ela. Diante disso tudo abordado vale salientar segundo Cristiane Correia Dias (2019) que:

[...] a educação baseada na pedagogia Hip-Hop, está comprometida em transformar os alunos em cidadãos, ao passo em que se mostra também como uma forma de reeducação das nossas relações étnico-raciais, ao mesmo tempo em que oferece ao aluno um currículo moderno baseado em tendências de habilidades e de competências que o auxiliaram em suas relações futuras, tais como: multidisciplinaridade, inteligência social e pensamento crítico, os torna capaz de se reinventarem a todo momento. (DIAS, 2019, p. 185, grifo nosso)

Pretendi com estas abordagens provocar debates e posteriores análises/reflexões apresentando estudos teóricos e pesquisas que foram feitas com base em na temática da pedagogia Hip-Hop/EBHH de autores em especial: *Cristiane Correia Dias, Monica Guimaraes Teixeira do Amaral, Ana Cláudia Florindo Fernandes, Kleber Galvão de Siqueira Jr e Marc Lamont Hill*. Dialogando com a produção literária de outros pesquisadores empiricamente versados nesta recente área da educação, dentro e fora do país. Visando demonstrar para comunidade educacional brasileira, que existem alternativas pedagógicas ainda informais, que tem potencial para se tornarem formais com mais estudos, pesquisas e trabalhos de campo. Busquei apresentar temas que contemplem tais estudantes em questão, alternativas estas, que já estão sendo usadas por alguns professores em docência compartilhada com os arte-educadores ligados a projetos sociais relacionados com a cultura Hip-Hop, tanto no Brasil como no exterior. Espero que as licenciaturas e os agentes educadores das escolas sobretudo públicas, ao se depararem com propostas similares tenham também curiosidade sobre a cultura/movimento Hip-Hop, acerca de seus projetos sociais, oficinas, casas do saber, museus do Hip-Hop, bibliotecas comunitárias, batalha do conhecimento, festivais, “universidades do Hip-Hop”, batalhas dos quatro elementos, escolinhas de produção de poesias, de desenhos, de conhecimentos técnicos de sonorização, escolinhas de DJ e dança dentre muitos outros projetos sociais. Projetos sociais que vão até onde poucos de fato estão indo, isto é, onde estão os invisibilizados e estigmatizados por uma sociedade cada vez mais materialista e menos humana. Pois, uma das ferramentas mais importantes que a cultura/movimento Hip-Hop pode nos conferir é o poder de reunir e articular pessoas com distintas origens em prol de um objetivo comum, reunir e engajar distintas formas de pensar e agir através do poder da empatia.

Grafito estilo *Bomb* da artista grafiteira Sol, cidade de Maringá-PR



REFERÊNCIAS

A Cultura Hip-Hop Como Ferramenta de Mudança | Visel MC | TEDxTatuiED. [S.l.:s.n.], 2019. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gxwJFgpN188&t=2s>. Acesso em: 15 de set. de 2022

A LUA de Fogo - Jasy Tata – Anarandá. [S.l.:s.n.], 2021. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Anarandá Guarani kaiowa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IACuokIMx5o>. Acesso em: 18 de jun. de 2022

ALBUQUERQUE, M. A. H. de (2018). **O Hip Hop Em Belém Do Pará: Um Movimento De Educação, Diversidade E Inclusão Social**.

ALEXANDER Hamilton [video portugues br] - Projeto " Alexander : Hamilton Tributo " [S.l.:s.n.], 2021. 1 video (4 min). Publicado pelo canal Alexander Hamilton Tributo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3jbjvJEp_7Ks. Acesso em: 14 de jul. 2022.

AMARAL, M. et.al. (orgs). **Culturas ancestrais e contemporâneas na escola: novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003**. São Paulo: Alameda, 2018.

ANA Sánchez - Fresh Prep: pedagogía aplicada a ritmo de hip-hop - L2N 10 jun 11 [S.l.:s.n.], 2013. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal bosonloquito2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=riazp1YAOP0> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

ANEL de Giges (Clípe Oficial) - Fabio Brazza (Prod. Mortão vmg) [S.l.:s.n.], 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Fabio Brazza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjwVRxcsQiE>. Acesso em: 21 de jun. de 2022

ANGELA Davis: Regra & Exceção #meteoro.doc. [S.l.:s.n.], 2019. 1 video (14 min). Publicado pelo canal Meteoro Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pVsV-ptUAw4>. Acesso em: 09 de jul. 2022.

ARIANA Puello Arriba Los Buscavidas con letra [S.l.:s.n.], 2015. 1 video (5 min). Publicado pelo canal R.Jafet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bt3CN7Iff54>. Acesso em: 14 de jul. 2022.

BARRADAS, Rodrigo. **O teatro do absurdo no 11 de setembro**: Do ataque aos símbolos dos EUA, o reforço dos símbolos que construíram aquela nação: guerra, medo e desprezo pelas outras nações. Brasília/DF: Portal Vermelho, 11 set. 2021. Disponível em: vermelho.org.br/coluna/o-teatro-do-absurdo-no-11-de-setembro/. Acesso em: 14 set. 2022.

"BIOGRAFIA feminina" part. Rose e Srta. Paola - Cris SNJ no Estúdio Showlivre 2018 [S.l.:s.n.], 2018. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Showlivre. Disponível em: Anarandá Guarani kaiowa <https://www.youtube.com/watch?v=n5a5n9FIIXM>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

BRANDÃO, A.K.D.C. ; SANTA, E.R.S. **A Importância da Oralidade no Processo de Aprendizagem da Integral Definida, Sob a Perspectiva da Semiótica Peirceana**. XII Encontro Nacional de Educação Matemática ISSN 2178-034X. p. 1-13, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 18 de ago. 2022.

_____. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 18 de ago. 2022.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica*. Conselho Nacional da Educação. *Câmara Nacional de Educação Básica*. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. ISBN: 978-857783-136-4

CAMPOS, A. M. **O MC Homero e o Rapsodo Max BO: a épica grega na linguagem do Rap**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p.523-533, set./dez. 2013. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/5565>>. Acesso em: 21 de dez. 2013.

CHAVES, Lincoln. **COI oficializa estreia do breakdance na Olimpíada de Paris, em 2024**. Site: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-12/coi-oficializa-estreia-do-breakdance-na-olimpiada-de-paris-em-2024>>. Acesso em: 30 de maio de 2022

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história [S.l.:s.n.], 2009.1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=26s> 16 de jun. 2022.

CHRIS Emdin: Ensine professores a criar magia [S.l.:s.n.], 2014. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H3ddtbeduoo&t=5s>. Acesso em: 25 de jun. de 2022.

COCA, O. S. O Grupo Operativo como estratégia de reflexão: a experiência da Docência Compartilhada In: DO AMARAL, M.; REIS, R.; SANTOS, E. C. M.; DIAS, C. C. Culturas ancestrais e contemporâneas na escola: Novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Alameda Editorial, 2018, p. 283.

COLE, Adam. **Science Rap B.A.T.T.L.E.S. Bring Hip-Hop Into The Classroom**. United States of

America, 8 ago. 2013. Disponível em:

<https://www.npr.org/sections/codeswitch/2013/08/08/207348197/science-rap-b-a-t-t-l-e-s-bring-hip-hop-into-the-classroom>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CULTNE - Lélia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História. [S.l.:s.n.], 2017. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal Cultne. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=WxB3SVZ2tzk>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022

CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XII., 2010, Campina Grande. **O movimento hip hop como alternativa de fala para jovens da periferia [...]**. [S. l.]: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. 13 p. Tema: Comunicação, Espaço e Cidadania. CONCEIÇÃO; SANTOS.

CUSTÓDIO, Guilherme. **‘Rubble Kings’ e o poder do hip-hop no combate à violência.**

Disponível no site: <http://www.aescotilha.com.br/colunas/a-margem/rubble-kings-hip-hop-documentario-netflix/>. 20 de março de 2017. Acesso em: 25 de maio de 2022.

DE-CARVALHO, R. **Discursos para Reexistência no Ensino de Ciências: de Baco Exu do Blues a Malcolm X. Ciência educ.**, Bauru, v. 27, e21031, 2021. Disponível em

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132021000100229&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 jun. 2022. Epub 21-Jul-2021. <https://doi.org/10.1590/1516-731320210031>.

DAMASCENO, E. **Quando o Conhecimento é Arma:** Criada por Mc Marechal, Batalha do Conhecimento transformou a vida de jovens periféricos educando pelo rap. Rio de Janeiro: Fred Di Giacomo, 20 maio 2021. ECOA. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/criada-por-mc-marechal-batalha-do-conhecimento-transformou-a-vida-de-jovens-perifericos-educando-pelo-rap/#cover>. Acesso em: 15 jul. 2022.

DIAS, C. C. **Por uma pedagogia hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.**

doi:10.11606/D.48.2019.tde-12122018-152518 Acesso em: 23 de maio de 2022.

DINIZ, Augusto. **Documentário com rapper indígena alerta para o genocídio dos povos originários:** Filme agora disponível no streaming, Meu Sangue é Vermelho mostra a covardia sofrida pelos indígenas na disputa de terra. [S. l.], 10 out. 2021. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/cultura/documentario-com-rapper-indigena-alerta-para-o-genocidio-dos-povos-originarios/>. Acesso em: 18 jun. 2022

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

DUARTE, L. **A importância do hip hop no contexto da socioeducação.** Ceará, 30 ago. 2019.

Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2019/08/30/a-importancia-do-hip-hop-no-contexto-da-socioeducacao/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

DUNCAN-ANDRADE, Jeffrey M., MORREL, E. .2008. **The Art of Critical Pedagogy: Possibilities for Moving from Theory to Practice in Urban Schools.** New York: Peter Lang

É O TESTE. Intérprete: Criolo. Compositor: Criolo. *In*: AINDA há tempo. Intérprete: Criolo [S.l.]: SkyBlue Music, 2006. 1 CD, faixa 2.

EDWARDS, P. **How to rap: the art and science of the hip-hop MC**. Chicago, IL, Chicago Review Press, 2009.

ELEVAÇÃO Mental (TRIZ) - Clipe Oficial. [S.l.:s.n.], 2017. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Triz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=npGrq2IFmls> Acesso em: 14 de jul. de 2022.

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, XII., 2016, São Paulo. A **IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA INTEGRAL DEFINIDA, SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA PEIRCEANA [...]**. [S. l.: s. n.], ca. 2016. 13 p. Tema: Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades. BRANDÃO e SANTANA.

ESTUDO Errado - Gabriel O Pensador 1995 [S.l.:s.n.], 2013. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Nova Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9K2nHxxUio> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

ESPETÁCULOS, GZH. "**Hamilton**": como o musical hip-hop se transformou em fenômeno mundial? [S. l.]: Grupo RBS, 17 dez. 2020. Jornal Digital GZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2020/12/hamilton-como-o-musical-hip-hop-se-transformou-em-fenomeno-mundial-ckirvb9hh0011019wmnwmqv7u.html>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FERNANDES, A. C. F. **O rap e o letramento: a construção da identidade e a constituição das subjetividades dos jovens na periferia de São Paulo**. / Ana Claudia Florindo Fernandes; orientadora Mônica G. T. do Amaral. – São Paulo: (s.n.), 2014.

FERNANDES, R. (2020). O rap nacional e o caso Djonga: por uma sociologia das ausências e das emergências. RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 5(3). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i3.1657>

FOCHI, M. Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? FACOM, [s. l.], ano 2007, n. 17, p. 61-69, 1.sem 2007. E-book.

FONSECA, A. S. A. da. **Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar** / Ana Silvia Andreu da Fonseca. - Campinas, SP: [s.n.], 2011.

FOUNDING Fathers The Untold Story of Hip Hop [S.l.:s.n.], 2017. 1 vídeo (85 min). Publicado pelo canal Itch.FM. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q__6DEpFSqo&t=38s. Acesso em: 22 de jun. de 2022

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOMES, NILMA LINO. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. REVISTA DE FILOSOFIA: AURORA (PUCPR. IMPRESSO), v. 33, p. 435-454, 2021.

HAMILTON: De palco a filme! (Disney+, 2020) | Crítica [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal PH Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbcoHjbbXJO>. Acesso em: 14 de jul. 2022.

HANKIN, C. D. Rap e conscientização: o legado de Paulo Freire no hip-hop cearense. **Revista Entrelaces**, Ceará, Conselho Editorial da Entrelaces, Vol. 1, N.10, Jul.-Dez. 2017.

HIJOS de las Hojas - Lo que callan las Abejas (Legendas em Português) [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Hijos de las Hojas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JEkp-rBRKBM>. Acesso em: 14 de jul. 2022.

HILL, Marc Lamont, **Batidas, rimas e vida escolar : pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade** / Marc Lamont Hill ; revisão da tradução e prefácio à edição brasileira de Mônica do Amaral ; prefácio de Glória Ladson Billings ; tradução de Paola Prandini e Vinícius Puttini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

HONORATO, G. (2009). **GRAFITE: Da Marginalidade às Galerias de Arte**.

LANDER, E. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

LEÃO, M. & LUPATI, F. (2018). **O Hip Hop e as Políticas Culturais: Os Contributos Da Zulu Nation No Brasil e Em Portugal**.

LÉLIA Gonzalez: O Racismo Estrutural | Jaqueline Conceição. [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Casa do Saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc>. Acesso em: 29 de ago. de 2022

LIMA, H. K. M. de. **Importância de Trabalhar o Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana em Sala De Aula**. Orientador: Prof. Franceilton Alves Passos. 2016. 27 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciado em Pedagogia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA MODALIDADE A DISTÂNCIA, CABACEIRAS-PB, 2016.

LÓPEZ, L.C. **The concept of institutional racism: applications within the healthcare field. Interface - Comunic., Saude, Educ. (O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde)**, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

REDAÇÃO, Raplogia. **Review: Thaíde & DJ Hum: Preste Atenção**. [S. l.], 2 jan. 2015. Disponível em: <https://raplogia.com.br/review-thaide-dj-hum-preste-atencao/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MALMACEDA, A.L.B. **A Literatura nas canções dos Racionais Mc's. Uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz**. 2017, 140 f. Tese (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2017.

MAX B.O - Ilíada e Odisseia - ritmo e poesia. [S. l.: s.n.], 2016. 1 vídeo (23 min). Publicado no canal OMR - O MUNDO RAP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJgVtXCL32Y&t=337s>. Acesso em 17 de jun. de 2022

MORAES, Flávio. **A VOZ DECOLONIAL DO RAP NACIONAL**. Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello. 2021. 242 p. Tese de doutorado (Doutor em Linguística - Pós Graduação) - UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2021.

MULTICULTURALISMO no RAP - ESPECIAL #1. [S.l.:s.n.], 2018. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Milésima Arte Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=COdQtRazBCw&t=37s>. Acesso em: 15 de set. de 2022

NASCIMENTO, J. C. do; CASTRO, M. A. D. . O currículo decolonial e o combate ao racismo epistêmico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e021038, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8657131. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8657131>. Acesso em: 17 jun. 2022.

NAS ANTIGAS Minha Infância - Sombra e Bastardo (SNJ) [S.l.:s.n.], 2012. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal jeann michel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cVFqt3A1OQc>. Acesso em: 23 de jun. de 2022.

NEGO Max - Eu não sou racista | Prod. DropAlien. [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Erickson Max. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>. Acesso em: 14 de set. de 2022

NEGRO limitado. Intérprete: Racionais Mc's. Compositores: Mano Brown e Edi Rock. País: Brasil. *In*: Escolha seu caminho. Intérprete: Mano Brown e Edi Rock Local: São Paulo. Zimbabwe Records 1992. 1CD, faixa 09.

NOGUERA, R. **O ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

NORONHA, F. **Sam The Kid: a arte superior de um contador de histórias – Parte I: [PRIMEIRA PARTE]**. Portugal: Rui Miguel Abreu, 14 mar. 2016. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/estas-livre-estou-livre-ha-noite-passar-sam-the-kid-arte-do-storytelling/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

OWERÁ feat Criolo - Demarcação Já - Terra Ar Mar (Official Video). [S.l.:s.n.], 2021. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal OWERÁ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6yIpJtfNVeg>. Acesso em: 18 de jun. de 2022

PEDAGOGINGA. Intérprete: Thiago Elniño; Sant; KMKZ. Compositores: Thiago Elniño e Sant. País: Brasil. *In*: A ROTINA do pombo. Intérprete: Thiago Elniño [S.l.]: Vitrola Sound Estúdio 2017. 1CD, faixa 12.

PIXO. [S.l.:s.n.], 2014. 1 vídeo (61 min). Publicado pelo canal TX NOW. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew&t=56s>. Acesso em: 14 de set. de 2022

REDAÇÃO, Raplogia. **Review: Thaíde & DJ Hum: Preste Atenção**. [S. l.], 2 jan. 2015. Disponível em: <https://raplogia.com.br/review-thaide-dj-hum-preste-atencao/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

RUBBLE KINGS. Direção: Shan Nicholson Produção: Jim Carrey, Intérpretes: Benji Melendez, Carlos Suarez, Dj Kool Herc, Dj Afrika Bambataa, Marshall Berman Fotografia: Alejandro Oliveira. Produtora: Goldcrest. 2015, EUA.

SANTOS, M. dos. **Educação e culturas juvenis: o rap no contexto escolar** / Santos, Mayara dos. --- Cascavel (PR), 2018. 171 f.

SCIENCE Genius B.A.T.T.L.E.S- L2N 10 jun 11 [S.l.:s.n.], 2013. 1 vídeo (69 min). Publicado pelo canal bosonloquito2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mubid-msKf4&t=21s>
Acesso em: 25 de jun. de 2022.

SNJ - Sem Essas Nunca Nessas. [S.l.:s.n.], 2015. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal SNJ OFICIAL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kqmxZ2YPL2w>. Acesso em: 18 de ago. de 2022

SERVIÇO de preto. Daniel Garnet, PEQNOH e Phael Camargo. In.: Avise o mundo. Daniel Garnet e PEQNOH. Piracicaba, Pegada de Gigante, 2015, 1 CD, faixa 10. Disponível em: <http://www.noticiario-periferico.com/2015/09/daniel-garnet-e-peqnoh-disponibilizaram.html>. Acesso em 21 de jun. de 2022.

SIQUEIRA JR, K. G. Serviço de preto, muito respeito: introdução à discussões sobre as raízes do racismo, da discriminação no Brasil e História africana por meio do rap. In: DO AMARAL, M.; REIS, R.; SANTOS, E. C. M.; DIAS, C. C. **Culturas ancestrais e contemporâneas na escola: Novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003**. São Paulo: Alameda Editorial, 2018. cap. 2, p. 69-114.

SILVA, D. V. S. **“UMA FITA DE MIL GRAU”**: O MOVIMENTO HIP HOP NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS E AFRODIASPÓRICAS. Orientador: Prof.^a Dr.^a Flavia Maria Chiara Candusso. 2018. 155 p. Dissertação de Mestrado (Mestra em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador - Bahia, 2018.

SILVA, T. J. S. **O RAP COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NO ENSINO DE BIOLOGIA**. Orientador: Cassia Mônica Sakuragui. 2019. 72 p. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ensino de Biologia) - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2019.

THIAGO Elniño - Amigo Branco (Videoclipe). [S.l.:s.n.], 2013. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Thiago Elniño. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bh9FopAu-vk>. Acesso em: 14 de set. de 2022

JOYNER Lucas - I'm Not Racist (legendado pt-br) [S.l.:s.n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Feel the music Crew. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YrlC2RpqZw>. Acesso em: 14 de set. de 2022

THAÍDE & Dj Hum - Afro-Brasileiro (Ao Vivo - Show YO! MTV 300 Anos De Zumbi dos Palmares) [HD]. [S.l.:s.n.], 2018. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Clássicos Do Rap Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=34SoYz42WQs>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

UNITY - James Brown & Afrika Bambaataa [S.l.:s.n.], 2013. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal The Tika. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16k-k29wA8Q>. Acesso em: 23 de jun. de 2022.

URBANO, G. M. **Introdução ao hip hop série 01**. 2017 – Apostila Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N3_9YxldGWI. Acesso em 20 de junho de 2022.

WE help students explore their creativity and harness technology in order to defy the odds and define their future. URBAN ARTS PARTNERSHIP. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.urbanarts.org/>. Acesso em: 28 jun. 2022.